

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Artes
PRPPG – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação



Trabalho de Conclusão de Curso

O negro e o carnaval: as representações imagéticas e as relações de verticalidade no cotidiano

Alan Caetano Candido

Pelotas, 2020

Alan Caetano Candido

O negro e o carnaval: as representações imagéticas e as relações de verticalidade no cotidiano

Trabalho de Conclusão de pós-graduação apresentado ao Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de especialização em Artes Visuais.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Gustavo Angelo Dias

Pelotas, 2021
Alan Caetano Candido

O negro e o carnaval: as representações imagéticas e as relações de verticalidade no cotidiano

Trabalho de Conclusão de pós-graduação, como requisito parcial para obtenção do grau de especialização em Artes, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 03 de dezembro de 2021.

Banca examinadora:

.....
Prof.º Dr.º Gustavo Angelo Dias (Orientador)

.....
Prof.º Dr.º Felipe Bernardes Caldas

.....
Prof.º Me. Manoel Gildo Alves Neto

Dedico este trabalho aos negros e negras pertencentes ao nosso Brasil.

Dedico este trabalho aos ‘malandros’ e ‘mulatas’, habitantes duma zona social carente de valorização e assistência. Dedico por respeito.

Anseio por justiça.

AGRADECIMENTOS

Como de costume, agradeço primeiramente a Deus, a minha saúde e a minha vida. Diante dos inúmeros atravessamentos e dificuldades enfrentadas por todos ao redor do mundo nesse período de dois anos, sentir-se bem e vivo, é sem dúvida a maior dádiva. Agradeço também à minha família pelo apoio recebido durante esse percurso. Tanto o suporte emocional quanto o financeiro, foram indispensáveis para que a realização dessa etapa fosse possível. Minha imensa gratidão aos amigos e colegas também. Cada auxílio nas atividades e disciplinas, cada experiência trocada ao longo da nossa convivência remota e cada palavra de apoio nos momentos de insegurança, são parte do meu processo de amadurecimento até aqui. Meu muito obrigado, mais uma vez, a Universidade Pública pela oportunidade de estar concluindo mais um dos meus sonhos: o título de pós-graduado. Graças ao ensino gratuito e de qualidade é possível que se contorne o fator de desigualdade no Brasil com base na classe social e na raça, um contexto que revela a realidade de inúmeras pessoas, inclusive a minha. Por fim, agradeço a mim por sempre acreditar na minha intuição, na minha força, e principalmente, por nunca desistir do que almejo. Nossa vida é feita de escolhas e cada uma delas implica automaticamente em renúncias. Inúmeras vezes renunciei noites de sono, a companhia de amigos, momentos especiais e de troca com a minha família, pelo preço de um sonho, que é o estudo. Como primeiro universitário da minha família (paterna e materna), decidi acreditar que poderia alçar voos mais altos. Assim fiz e não pretendo parar. Obrigado pai e mãe. Obrigado aos demais familiares e amigos. Obrigado colegas e professores(as). Obrigado Deus. Obrigado vida.

RESUMO

No presente trabalho pretendo lançar um olhar sobre o racismo nas imagens do carnaval. Para isso, farei uma contextualização teórica em torno do assunto. Inicialmente, apresentarei algumas concepções sobre o racismo para posteriormente abordá-lo como a rejeição à cultura e às características físicas do negro. A partir dessa contextualização busco refletir sobre como o racismo existente nas relações entre os indivíduos se converte em representações no carnaval. Para isso, abordo o carnaval da perspectiva ritualística e da perspectiva cultural, procurando localizar o negro dentro de ambas as posições. Com o auxílio de Silvio Almeida, Jessé Souza e Roberto DaMatta, interpreto a relação que se põe entre o racismo e o carnaval para observar os elementos e estereótipos racistas nas reproduções que se manifestam ali. Para que seja possível observar a presença do racismo no ritual carnavalesco e em que contextos ele aparece, me baseio nos estudos de imagem e cultura para que as imagens expostas possam ser lidas como manifestações passíveis de significado. Essas imagens tocam a discussão como material complementar às reflexões desenvolvidas no percurso do trabalho e a partir delas buscamos algumas reflexões sobre como o carnaval reproduz o racismo nas imagens.

Palavras-chave: Imagem; Representação; Carnaval; Racismo;

ABSTRACT

In this research, I intend to propose a view at racism in carnival images. Therefore, I seek to build a theoretical contextualization on the subject. Initially, I will present some conceptions about racism to later address it as the rejection of culture and the physical characteristics of black and brown people. Based on this context, I seek to reflect on how the racism that exists in the relationships between individuals is converted into representations in carnival. Approaching carnival from a ritualistic and cultural perspective, I seek to locate black and brown people within both positions. With the help of Silvio Almeida, Jessé Souza and Roberto DaMatta, I interpret the relationship between racism and carnival to observe the racist elements and stereotypes in the reproductions that are manifested there. In order to observe the presence of racism in carnival ritual and in which contexts it appears, I base this research on studies of image and culture so that the exposed images can be read as manifestations capable of meaning. These images approach the discussion as complementary material to the reflections developed in the course of the text and from them we seek some reflections on how carnival reproduces racism in images.

Keywords: Image; Representation; Carnival; Racism;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Comlurb deve garantir condições seguras de trabalho e os garis decidirem as escalas e os serviços diante do coronavírus.....	18
Figura 2 – Empresa ligada à XP tenta gerir crise por falta de negros e mulheres.....	18
Figura 3 – Quer dizer então que se for preto é bandido?.....	20
Figura 4 – Blogueira gera revolta com 'homenagem a escravos' em baile.....	31
Figura 5 – Rodrigo Sant'anna apresenta a musa inspiradora da pedinte Adelaide, do 'Zorra', e afirma: 'Sou a cara da pobreza!'.....	36
Figura 6 – Fantasias de carnaval podem reproduzir preconceitos contra negros e Homossexuais.....	36
Figura 7 – Rodrigo Sant'anna.....	36
Figura 8 – Mulata com leque; 1937; 36.90cm x 45.00cm; óleo sobre tela.....	42
Figura 9 – Mestiço, 1934, óleo sobre tela, 81 cm x 65 cm, Cândido Portinari.....	42
Figura 10 – Salgueiro homenageou os malandros com enredo inspirado na Ópera do Malandro. de Chico Buarque	44

Figura 11 – Os 7 malandros.....	44
Figura 12 – Eu não sou santo.....	44
Figura 13 – Veja imagens da carreira da atriz Solange Couto.....	46
Figura 14 – [Por onde andam] Solange Couto/Fátima Adele.....	46
Figura 15 – OUTROS CARNAVAIS: Em 2002, Sargentelli, famoso por suas dançarinas, morreu após homenagem em novela.....	46
Figura 16 – Bem vindos ao Brasil colonial: a mula, a mulata e a Sheron Menezes.....	47
Figura 17 – OS KARAS. Ex-Globeleza Valéria Valenssa antes e depois 2021-2022-2023-2024.....	48
Figura 18 – Concurso para mostrar a bunda, a Globo só quer mula..ta!.....	48
Figura 19 – O carnaval e a carne negra. Alma preta, jornalismo preto e livre.....	50
Figura 20 – Idem.....	50
Figura 21 – Fantasia de Negão do Whatsapp ganha prêmio, mas é acusada de blackface.....	52
Figura 22 – Negão da Piroca.....	52
Figura 23 – Dia do Gari.....	54
Figura 24 – Saudades de aglomerar no carnaval? Confira blocos e shows online pelo país.....	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Capítulo I – RACISMO ESTRUTURAL: O MESCANISMO DO PODER	14
1.1. Os parâmetros científico e étnico-cultural de Silvio frente ao culturalismo de Jessé	23
1.2. Do paradigma étnico ao cultural	27
Capítulo II – DAS VIelas À SAPUCAÍ: REPRESENTAÇÕES, ELEMENTOS E PERSONAGENS DO NOSSO CARNAVAL	33
Capítulo III – IDENTIDADE E CULTURA DAS IMAGENS	55
3.1. Observando imagens	59
Capítulo IV – O NEGRO E A IMAGEM	61
4.1. Imagens 1 e 2	62
4.2. Imagem 3	64
4.3. Imagem 4	65
4.4. Imagens 5, 6 e 7	66
4.5. Imagens 8 e 9	67
4.6. Imagens 10,11 e 12	67

4.7.	Imagens 13, 14 e 15	69
4.8.	Imagen 16	70
4.9.	Imagen 17 e 18	71
5.0	Imagens 19 e 20	72
5.1.	Imagens 21 e 22	74
5.2.	Imagen 23	75
	Considerações finais	77
	Referências	80

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal observar o racismo presente nas imagens carnavalescas. Primeiramente, abordarei o racismo enquanto comportamento estrutural e o carnaval enquanto ritual de potencialização desse racismo. Essas contextualizações serão observadas em imagens que abordarão representações e relações sociais presentes no cotidiano.

Este estudo é uma continuidade das pesquisas desenvolvidas durante a minha graduação em Artes Visuais. A pesquisa pretende uma reflexão acerca da realidade de pessoas negras, partindo da cultura popular no contexto do carnaval e suas manifestações musicais e de dança; se estendendo então, ao cotidiano dessas pessoas e ao que as mesmas vivenciam diariamente. As noções aqui expostas são contribuições minhas a todas as pessoas que se identificam com o lugar de onde eu falo enquanto homem negro. Logo minha intenção aqui é construir um diálogo claro e acessível a todos que se interessam pelo assunto.

Este trabalho nasceu do meu desejo em expandir meus conhecimentos em torno dos estudos de negritude e sua ligação com a imagem e a cultura brasileira. Durante a graduação, minha pesquisa tinha como foco a representação imagem do negro e suas reverberações no mundo social e artístico. Na pós-graduação, meu foco foi direcionado, primeiramente, ao racismo enquanto comportamento social, identificando, num segundo momento, esse comportamento através da representação do negro no carnaval brasileiro. Aqui, questões como a desumanização, o preterimento, a satirização e o fetichismo relacionados à figura do negro são discutidas ao longo do texto e observadas

em imagens. O intuito do trabalho foi o de trazer questões que merecem sempre serem revisitadas, porém, dentro de um formato de imagens criado por mim.

No primeiro capítulo, procurei apresentar as diferentes concepções de racismo para Silvio Almeida (*Racismo estrutural*, 2021) com o propósito de situá-lo em diferentes lugares e situações. Jessé Souza é abordado como parte complementar nas questões raciais, observando as mesmas questões de outro ponto de vista. Através da conexão estabelecida entre o argumento dos dois autores, se torna possível entender o racismo de forma mais completa, dentro da perspectiva de cada um.

No segundo capítulo, Roberto da DaMatta, observa o carnaval brasileiro como um ritual que é de todos, mas que cada um é representado a sua forma. Com o auxílio do autor, abordo o carnaval como um ritual que representa o Brasil por meio de um conjunto de elementos que configuram as relações cotidianas. Dentro dessa lógica, são interpretadas as rotinas e ritos que dão sentido ao carnaval e que apresentam personagem presentes na convivência e no imaginário da sociedade. Aqui são elencados malandros, mulatas, e os demais personagens marginalizados, que assumem um papel contrário do dia-a-dia por meio do movimento de inversão provocado pelo carnaval.

O terceiro capítulo busca construir brevemente uma base teórica para as imagens que complementam o trabalho. Com a ajuda de autores que estudam as imagens, como Fernando Hernandez, busco traçar uma linha que conecta a produção de imagens dentro de uma sociedade a identidade cultural que ela apresenta.

No quarto e último capítulo são comentadas as imagens que se relacionam aos temas debatidos ao longo do trabalho. Vamos abordar as figuras da mulata, do malandro, dos negros e negras, que aparecem no carnaval e no cotidiano de forma estereotipada. A partir da observação dessas imagens, é aberto um espaço de breve interpretação do que elas nos mostram: desigualdade no cotidiano, desumanização do negro, práticas de blackface, desvalorização e fetichismo da figura do negro no carnaval.

Por fim, buscamos refletir sobre esses elementos do racismo estrutural identificados nas imagens do carnaval.

1. Capítulo 1

RACISMO ESTRUTURAL: O MECANISMO BÁSICO DE PODER

“A carne mais barata do mercado é a negra, A carne
mais marcada pelo estado é a negra.”

A carne (2002), Elza Soares

No presente capítulo, amparado por Sílvio de Almeida (*Racismo Estrutural*, 2021), observaremos brevemente como operam três concepções que compõem o racismo no Brasil: o racismo individual, racismo institucional e o racismo estrutural. A obra de Almeida considera aspectos econômicos, políticos e institucionais no controle das relações de poder dentro da sociedade brasileira, assim o autor busca tratar racismo como um dos fenômenos constituintes das desigualdades entre classes. Silvio tratará a ideia de privilégio social a partir não só da etnia, mas antes, a partir da consciência social presente nos discursos, da carga tributária que atinge as populações mais pobres formadas majoritariamente por pessoas negras, pela questão de gênero que desvaloriza a mulher negra em relação ao homem negro e aos demais, e outros tópicos importantes como o mercado de trabalho e seus preterimentos a fins. Em resumo, o livro reúne noções que, apesar de passarem desapercebidas pela maioria, reconstruem a estrutura errônea de uma sociedade que ao mesmo tempo que se cobra melhorias, não consegue se corrigir. Por que? Pelos motivos que citei brevemente a cima e por outros muitos que veremos ao longo desse capítulo.

Começaremos diferenciando racismo de discriminação racial direta e indireta para melhor enxergarmos como funciona a manutenção de privilégios e desvantagens entre indivíduos. Após, analisaremos racismo científico e étnicocultural como dois conceitos básicos que se entrecruzam e complementam na criação da ideia de ‘raça’, compreensão retida pela sociedade e reproduzida pela arte, pela cultura e principalmente, pelos veículos de comunicação, todos contribuintes na construção da imagem do negro que será consecutivamente condicionada pelo racismo institucional, e novamente reafirmada pela estrutura racista que compõe o Brasil.

Segundo Almeida, a concepção estrutural aparece como a base de tudo, agrupando as três concepções racistas em si, em especial a institucional, que atua na mediação das relações e renova dia após dia a ordem social do território

que ela visa conservar. Tendo posto que a instituição funciona como uma espécie de engrenagem estrutural para que a máquina estatal obtenha seus resultados, podemos constatar que o próprio racismo é parte dessa estrutura naturalizada também. Portanto, o racismo estrutural é o alicerce que sustenta as relações sociais e políticas, mediando o convívio entre os indivíduos e grupos racializados, assim como a arte, a cultura e a construção da imagem do negro. Antes das instituições existirem já existia a sociedade, e a sociedade (a estrutura) vai reproduzir as suas concepções, valores e tecnologias de poder em cada instituição individualmente. “As instituições são racistas por que a sociedade é racista” (ALMEIDA, p. 47).

O racismo estrutural diz respeito a dinâmicas assimétricas de poder na sociedade que englobam todas as estruturas, sendo algumas delas a política, a economia, o direito, a comunicação e a cultura. No caso do Brasil, grupos raciais em situação inferior como negros e indígenas, são naturalmente expostos a contextos sociais desiguais em relação a outros. Os padrões de repetição que condicionam a desigualdade em nossa sociedade são parte de um projeto elitista para que barbáries ocorram de forma natural.

O racismo institucional não só condiciona como reafirma um modelo de convivência no qual - ainda que indiretamente - os privilégios e as desvantagens são baseados na raça. Ele age junto da estrutura, se utilizando de mecanismo que para a maioria são invisíveis. As instituições são tecnicamente, “(...) modos de orientação, rotinização, e coordenação de comportamentos que tanto orientam a ação social como a torna normalmente possível, proporcionando relativa estabilidade aos sistemas.”¹

¹ HIRSCH, Joaquim. Forma política, instituições políticas e Estado – I. *Crítica Marxista*, n. 24, 2007. P 26. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo212artigo1.pdf. Acesso em: 05 abr. 2021.

A concepção institucional está presente de forma ampla na estrutura do problema, mantendo a hierarquização do sistema por meio de estratégias sociais que viabilizam a hegemonia branca no poder. Em 2019, negros eram 75% entre a população mais pobre no Brasil, enquanto brancos eram 70% entre os mais ricos². Esse é um exemplo de racismo institucional, assim como episódio ocorrido na comunidade do Jacarezinho (RJ) no dia 06 de maio de 2021, quando numa abordagem policial contra o tráfico de drogas 28 pessoas foram mortas³. Silvia Ramos, cientista social e coordenadora da Rede de Observatórios de Segurança, lançou uma crítica sobre a abordagem violenta da polícia na execução das operações: “Quem são esses mortos? Para a polícia, basta ser morador de favela para ser considerado suspeito”. Tal acontecimento é um reflexo de como a concepção individual atinge as comunidades, afinal, o fato dessas pessoas terem perdido a vida não acabará com o tráfico de drogas, irá apenas agravar o número de vidas negras eliminadas constantemente.

Não são raras as invasões da polícia a bailes funk de periferia alegando o uso e distribuição de substâncias ilícitas, certo? Porém, o mesmo não acontece em festivais realizados em zonas privilegiadas das grandes cidades como Rio de Janeiro – tendo posto que substâncias ilícitas podem ser consumidas em todo e qualquer lugar. Logo, propõe-se que: o foco do estado não é a erradicação do uso e distribuição de drogas, são as zonas periféricas das grandes cidades e, consequentemente, o corpo negro. Mas, veja bem. Eu não me refiro diretamente aos inspetores policiais neste caso, mas às instituições, que autorizadas pela legislação vigente acabam por praticar o racismo. As condições desiguais no setor trabalhista é outro caso em que o racismo institucional atua enquanto ferramenta estrutural.

² UOL Notícias. *Negros são 75% entre os mais pobres; brancos, 70% entre os mais ricos*. Acesso em: 17 de maio. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/13/percentual-de-negros-entre-10-mais-pobre-e-triplo-do-que-entre-maisricos.htm>

³ BBC News. Jacarezinho: ‘Em nenhum lugar do mundo ação policial com 28 mortos seria aceita’, diz cientista político. Acesso em: 13 de maio. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57017718>

CONTRASTE

INJUSTIÇA SOCIAL

A desigualdade no setor trabalhista assusta!



Mídia Ninja

13 de agosto (2021)

"Esse é um cenário cotidiano no Brasil, o país que retroalimenta a desigualdade racial em caráter estrutural e sistêmico que resulta na desigualdade social. A disparidade econômica entre negros e brancos é real. É necessária a compreensão da ocupação de cada papel desempenhado nessa estrutura. Essa fotografia de uma empresa de investimento versus o time dos Garis da Comlurb, retrata bem essa realidade."

O racismo individual corresponde a indivíduos brancos agindo contra indivíduos negros, isoladamente. A concepção individualista é o racismo ostensivo, praticado de modo direto e visível. Ocorridos no cotidiano e estampados pela mídia e pelos jornais, não são raros os episódios em que indivíduos brancos atentam contra a integridade moral ou física de pessoas negras por meio de xingamento ou agressão por exemplo, o que leva a maioria da população a limitar a ideia de racismo a esse tipo de comportamento. Esse tipo de violação sujeita os praticantes a sanções penais, entretanto, por esse viés “não haveriam sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas que agem isoladamente ou em grupo” (ALMEIDA, p. 36), o que nos leva a concluir que: a concepção individualista atende ao padrão discriminatório, exercendo o preconceito, porém, não corresponde à amplitude do fenômeno do racismo como um todo.

Um ato de racismo individual se revelou no estacionamento de uma unidade da rede de lojas Carrefour, em Porto Alegre (RS) na noite de 19 de novembro de 2020. O ex-policial militar Giovane Gaspar da Silva e o segurança Magno Braz Borges proferiram golpes contra João Alberto Freitas até que o mesmo viesse à óbito por asfixia no local, mobilizando protestos por todo país. A confusão se deu por um desentendimento no caixa da empresa, quando a fiscal Adriana Alves, também envolvida no caso, seguiu a vítima até o estacionamento acompanhada dos dois seguranças. Após João Alberto proferir o primeiro golpe foi linchado e imobilizado até a morte.⁴

As consequências da concepção individual vão além da discriminação direta e do preconceito ostensivo, estereotipando o sujeito negro como o padrão do vagabundo, do inferior, do bandido.

⁴ G1. *Como está aquele caso: João Beto, morto por dois seguranças em um supermercado no RS.* Acesso em: 06 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/12/30/como-esta-aquele-caso-joao-beto-morto-por-dois-segurancas-em-umsupermercado-no-rs.ghtml>

M

angueira realiza desfile pra lá de especial e aborda questões políticas.

imagem 3



"Quer dizer então que se for preto é bandido?"

"No desfile da Mangueira, teve muita gente, inclusive deputados, dizendo que a escola desrespeitou a fé cristã associando o nome de Jesus a um bandido.

Sendo que em nenhum lugar estava escrito "bandido", era apenas um jovem negro de cabelos tingidos de loiro, e as pessoas associaram imediatamente com um traficante. A escola falava sobre racismo, e as pessoas que se incomodaram usaram, justamente, argumentos racistas."

Quebrando o Tabu (2020) via Facebook.

Por conseguinte, traremos a distinção de Silvio de Almeida entre racismo, preconceito e discriminação para entendermos como cada um atua dentro da sua especificidade e de que forma ambos se colocam dentro dessa estrutura racista. O racismo é uma forma sistemática de inferiorização que tem como fundamento a raça, atribuindo privilégios ou desvantagens aos sujeitos de acordo com o coletivo racial ao qual pertençam, consciente ou inconscientemente. O preconceito ou discriminação racial agregam o mesmo significado, e, por sua vez, se baseiam no estereótipo criado em torno dos membros de determinado grupo racial considerado inferior, podendo também resultar num tratamento diferenciado a indivíduos isolados ou não.

A discriminação pode se apresentar em inúmeras situações, de forma direta ou indireta, e o que é de conhecimento de poucos, é o fato dela se manifestar negativa e positivamente também, como veremos mais à frente. A discriminação direta é o repúdio escancarado ao sujeito e ao seu coletivo, considerando o contexto social ao qual este está inserido junto aos seus. O desmerecimento da luta do movimento negro, assim como, a perseguição imposta a pessoas negras por parte do setor de segurança em estabelecimentos comerciais, são exemplos do claro preconceito baseado nesse mal juízo criado em torno do negro. Inclusive, ao detalharmos a discriminação direta, é possível percebermos a característica cruel e assertiva herdada da concepção individual discutida acima, o que afirma o fato de que tais fenômenos se manifestam um em detrimento do outro.

A discriminação indireta é mascarada por uma suposta neutralidade racial, na qual a discriminação de fato e as diferenças sociais são ignoradas, apesar de ainda assim existirem. Essa espécie de camuflagem do comportamento segregacionista faz certa alusão à concepção institucional. Segundo afirma Adilson José Moreira em *O que é discriminação* (2017), esse comportamento é marcado pela ausência de intencionalidade explícita de discriminar pessoas. Isso pode acontecer por que a norma ou prática não leva em consideração ou não pode prever de forma concreta as consequências da norma (p.102).

O fato de a discriminação ser indireta, não significa que ela não seja discriminação. O mercado de trabalho é um exemplo da forma indireta de manipular (des)vantagens a determinados indivíduos, pois inclui padrões estéticos

baseados na raça aos critérios de contratação para vagas de emprego, ao mesmo tempo que, compartilha a crença de que negros são incapazes ou menos produtivos, dificultando a permanência destes nos cargos empregatícios. Ainda que não propositalmente, a construção de arquétipos na conquista de oportunidades ocorre em consequência do que a instituição reproduz e impregna nos setores sociais e em nós. Logo, a cor da pele, a textura do cabelo, os traços faciais, entre outros parâmetros, serão determinantes no desempenho do(a) candidato(a).

Reitero que os tipos de discriminação abordados acima são de caráter negativo. Por outro lado, vale pontuar que a atribuição de um tratamento especial ou diferenciado a um grupo historicamente inferiorizado configura também discriminação, porém por um viés pouco abordado: o positivo. Poucas pessoas têm conhecimento da complexidade que está ligada ao significado do termo ‘discriminar’ – diferenciar. Neste caso, discriminar positivamente, garante a diferenciação em benefício de grupos que necessitam de reparação social e histórica, tentando de certa forma compensar os danos causados pela massa negativa. Almeida usa como exemplo as ações afirmativas (p.34), políticas públicas baseadas em direitos iguais entre grupos perante a lei.

Essa particularidade complexa da discriminação é um ponto muito importante a ser esclarecido no assunto por dividir opiniões no que diz respeito a intenção dessas medidas. Uns enxergam as ações afirmativas como uma norma racista por conta da dificuldade de entender que o racismo de fato se encontra na base da sociedade, e não no gesto positivo, outros consideram a medida um direito a ser usufruído. Como exemplo de impacto da discriminação positiva, as políticas de ações afirmativas garantiram a pretos e pardos 50,3% das matrículas em universidades por todo o Brasil em 2018, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)⁵. Ainda, em 2020 o Ministério da

⁵ UOL, Educação. *Nº de alunos negros na universidade explode; entre docentes, alta é tímida*. Acesso em: 15 de maio. 2021. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/10/05/n-de-alunos-negros-na-universidade-explode-entre-docentes-alta-eticida.htm#:~:text=No%20ensino%20superior%20p%C3%BAblico%2C%20as,50%2C3%25%20das%20matr%C3%ADculas.&text=%22A%20a%C3%A7%C3%A3o%20afirmativa%20opera%20s%C3%83%C2%80na%20entrada%22%2C%20diz.>

Educação (MEC) revogou a portaria sobre políticas de inclusão na pós-graduação incluindo acesso de negros, indígenas e pessoas com deficiência.⁶

Após revisitarmos as três concepções de racismo para melhor entender o que é, diferenciá-lo dos tipos de discriminação e seus impactos, encerrarei essa parte da discussão para me dirigir a outros dois conceitos que apresentarão a ideia de raça: característica biológica e característica étnico-cultural.

1.1. Os Parâmetros Científico e Étnico-cultural de Silvio frente ao culturalismo de Jessé

Aqui, a partir de Jessé Souza em *A Elite do Atraso - da escravidão a Bolsonaro* (2019) trataremos da falsa ruptura da sociedade com o racismo, tornando evidente a evolução do racismo científico rumo ao culturalismo racista, um paradigma cultural responsável pela continuidade do racismo antes adotado, baseado na cor da pele. Porém, não dispensaremos as importantes reflexões propostas por Silvio Almeida na intenção de compor uma melhor compreensão a partir de ambas literaturas. Para melhor diferenciar os fenômenos raciais citados até então, caracterizo racismo individual, institucional e estrutural – detalhados antes – como o racismo reproduzido pelas esferas sociais dominantes, enquanto o racismo científico e o racismo étnico-cultural representarão a natureza da ideia de racismo.

Racismo Científico segundo denomina Jessé Souza é aquele que se baseia nas indagações em relação às características físicas diferenciais entre humanos, como a cor da pele (p. 18), sendo equivalente ao que Silvio Almeida denomina como racismo biológico. A ideia, fundada por intelectuais do século XIX, supõe que o negro carregue em sua carga genética a inaptidão, condição inerente à sua raça. Junto da física, a biologia da época propôs a tese de

⁶ G1, Educação. MEC revoga portaria sobre políticas de inclusão na pós-graduação que incluíam acesso de negros, indígenas e pessoas com deficiência. Acesso em: 15 de maio. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/18/mec-revoga-portaria-quecriava-politicas-de-inclusao-na-pos-graduacoes-como-o-acesso-a-negros-indigenas-e-deficientes.ghtml>

que as diferenças entre os seres humanos podiam se dar pelas diferenças geográficas e climáticas ou ambientais, gerando assim as tais distinções presentes na diversidade humana. As características físicas dissemelhantes entre os indivíduos negros e brancos – o conhecido fenótipo -, passou a servir de critério para justificar as relações verticais de superioridade e inferioridade entre os indivíduos. Relacionadas a estas, eram propostas também, dissemelhanças morais, psicológicas e intelectuais entre as etnias, justificando comportamentos morais, lascivos e violentos, além de pouca inteligência (p.29).

Com tal respaldo, o racismo científico obteve força em meios acadêmicos e políticos nessa mesma época, transmitindo o status positivista e confiante a grande parte da população, uma problemática ainda atual que tenta desconsiderar a desigualdade social no Brasil como fator determinante. A inviabilização da educação nas periferias e comunidades carentes de grandes centros, é um caso onde a científicidade do racismo perde argumentos, tendo posto que, o elemento que justifica o contraste de conhecimento entre negros e brancos é social e não científico.

Indo de encontro ao paradigma cultural, os autores com o quais conto para construir esse raciocínio, dividem visões diferentes a respeito desse pensamento. Souza se dirige a questão como estoque cultural, enquanto Almeida, prefere nomeá-la concepção étnico-cultural. Apesar da semelhança, o que ambos pretendem evidenciar em suas respectivas produções, apresenta um caráter particular. Em *A Elite do Atraso*, Jessé fala de culturalismo a partir duma perspectiva de classes, por outro viés, Silvio em *Racismo Estrutural* traz o termo étnico-cultural para também falar de culturalismo, mas a partir da raça. Analisaremos então, a distinção entre os dois modelos começando por Almeida, para entender de que forma a cultura aparece como parte de um todo quando o assunto é hierarquia social.

Racismo étnico-cultural – se baseia na ideia de que a denominada displicência e falta de interesse do negro, assim como seu gosto por um estilo de vida fácil ou desregrado, seria um traço além de presente em sua cultura, passado ao longo de gerações. Segundo este pensamento, o traço cultural seria então a justificativa do insucesso herdado de outros submetidos a esta condição anteriormente – suposição feita pela prática preconceituosa do sujeito

racista. “A identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, “a uma certa forma de existir”” (p.31). A antropologia surgida no século XX e a biologia, através do sequenciamento do genoma, puderam demonstrar que não existem diferenças biológicas ou culturais que justificassem o tratamento discriminatório entre humanos. Logo, o que condiciona essa estratégia é o fato de que a *raça* é um elemento essencialmente político, reforçado em eventos como a Segunda Guerra Mundial e o genocídio perpetrado pela Alemanha nazista, por exemplo.

Ainda que hoje seja quase um lugar-comum a afirmação de que a antropologia surgida no início do século XX e a biologia – especialmente a partir do sequenciamento do genoma – tenham muito demonstrado que não existem diferenças biológicas ou culturais que justifiquem um tratamento discriminatório entre seres humanos, o fato é que a noção de *raça* ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários (*idem*).

Agora, a partir destas distinções compreendidas, vou rumo a discussão sobre culturalismo e suas ferramentas. Farei como Souza e contarei com um breve auxílio da história na abordagem do tema, afinal, minha intenção aqui é armar você, leitor, para que a noção de estoque cultural lhe seja passada da forma mais clara possível, ela será importante no decorrer do texto.

Souza aborda episódios históricos e aponta a continuidade do racismo com Portugal, uma falsa tese que atende ao senso comum de considerar a transmissão cultural pelo código genético, quando “imagina-se que alguém é, por exemplo, italiano apenas porque o avô era italiano” (p.40). A verdade é que tudo não passa de mera fantasia. “Depende. Se as condições sociais forem outras, essa pessoa não tem nada de italiano, a não ser o código genético.” O autor contraria essa ideia com apoio nas instituições como as formadoras da influência cultural, sendo a família uma delas, na construção do comportamento do indivíduo. Para ele, “a influência cultural não se transmite, afinal, pelas nuvens nem pelo simples contato corporal” (p. 41).

Estoque Cultural – é o conjunto de valores e princípios perpetuados por um grupo de indivíduos. A noção de estoque cultural agraga em si o conceito de capital cultural, sendo capital, tudo que agraga valores. Logo, toda e qualquer forma de comportamento, princípios, tradições, costumes, conhecimento ou prestígio será diretamente ligada ao valor moral do sujeito. Todo e qualquer coletivo social possui um estoque cultural, mas duma perspectiva das elites, estoque cultural seria então, a idealização de um estilo de vida padrão para que o sujeito alcance posições de privilégio – ou não – dentro de uma sociedade que compete acirradamente por tal posição social, visando sempre a ascensão entre classes.

Segundo Souza, a transição do racismo científico – abordado anteriormente – para o paradigma cultural, se deu com a ascendência da cultura urbana inaugurada com a vinda da corte real. A nação brasileira passou de colônia portuguesa, à uma nova pátria para os portugueses, de fato, após as ricas e abundantes descobertas localizadas na América Latina soarem atrativas suficiente para estes migrarem rumo ao Brasil. O território que antes era majoritariamente dirigido pelo homem do campo e suas normas, seria agora dividido com o burguês europeu e seus valores de urbanidade e hierarquia social (p.61).

O familismo do patriarcalismo rural debate-se, pela primeira vez, com valores universalizantes. Esses valores universais e essas ideias burguesas entram no Brasil do século XIX do mesmo modo como haviam se propagado na Europa do século anterior: na esteira da troca de mercadorias (p.62).

Por consequência:

(...) novas modas de vestir, de falar, de comportamento público, etc. É como se os brasileiros tivessem passado a consumir pão e cerveja como os ingleses, consumir a alta costura de paris e “civilizar-se” em termos de maneiras e comportamento observável (idem).

Esse critério cultural que permite a incorporação do indivíduo pelo status é tão indispensável para a produção do capitalismo, quanto o fator econômico – o dinheiro. Afinal, não apenas a justificação do capitalismo é feita por elites que monopolizam certos tipos de capital cultural, como também não existe nenhuma função de mercado ou no estado que não o exija em alguma proporção. É a posse conjugada desses capitais, portanto, que pré-definem grande medida, o acesso a todos os bens e recursos escassos no mundo. (p. 97)

As novas tendências fundadas nesse novo Brasil iniciavam, neste momento, uma nova segregação, a mesma segregação realizada pelos senhores de casa grande com o racismo científico, porém agora, por uma abordagem mais classista do que diretamente racial. Apesar do autor manifestar sua intenção em lidar com questões de classe e não de raça, se torna indispensável a participação do racismo e seus efeitos no argumento construído por ele, tendo posto que estes são como divisores de águas entre dois mundos. Intermediavam a desigualdade presente entre as classes – dominantes e dominadas – e dificultam o acesso das classes inferiores, majoritariamente formadas por pretos e mestiços, aos capitais necessários para uma vida de qualidade.

1.2. Do paradigma étnico ao cultural

No decorrer desse capítulo busquei abordar o racismo em suas diversas ramificações, trazendo em cada uma delas um dos parâmetros que dão sustentação ao racismo estrutural. Ao definir racismo científico como o racismo baseado na cor da pele, e racismo étnico-cultural como o desprezo aos costumes adotados pelo negro, ficou evidente que esse fenômeno social aprimora estratégias para justificar seu exercício, não se pautando apenas nas diferenças físicas entre pessoas negras e brancas, mas na forma distinta como o grupo negro significa sua existência em relação ao grupo branco.

Cabe aqui associar essa desconsideração das significações negras à despersonalização e desumanização do negro abordada por Peter Hudis em *O humanismo revolucionário de Frantz Fanon* (2021) um texto que traz oposições ao colonialismo europeu e à opressão da classe média, um contexto extremamente atual na sociedade brasileira contemporânea.

Ao interpretar o racismo como um fenômeno sócio-genético, Hudis aponta que Fanon o define como uma força social fora do nosso controle. Para ele, apesar da cor da pele ser uma condição genética, a forma como a visualizamos é baseada em concepções estruturais com as quais fomos construídos. A cultura do racismo é tão presente em nós, que a “construção social da raça” se naturalizou ao ponto de se fazer um componente indissociável da organização social e política do Brasil.

A verdadeira desalienação do homem negro implica uma dura tomada de consciência da realidade social e econômica [...] a questão Negra não é apenas sobre Negros vivendo entre brancos, mas sobre Negros explorados, escravizados e desprezados por uma sociedade capitalista e colonial que porventura é branca.

Desse ponto de vista, uma vez que a questão de raça implica diretamente a classificação socioeconômica do sujeito negro, o racismo e a luta de classes se estabilizam entre si, ocupando o mesmo panorama. Logo, o negro deveria lutar de duas maneiras: objetivamente e subjetivamente: “a solução deve ser alcançada tanto no nível objetivo do socioeconômico como no nível da *experiência subjetiva*, da consciência, e, dessa maneira, da ‘identidade’” (WYNTER *apud*. HUDIS).

Ainda segundo Hudis, Fanon levanta uma questão de identidade e representação ao identificar a problemática do reconhecimento próprio do negro frente a uma sociedade construída pelo olhar branco, uma questão que, além de definir o racismo como uma ferramenta objetiva de privação econômica e classificação social, o define também

como um mecanismo subjetivo de desumanização. A ausência de elementos e referenciais faz com que o negro habite uma zona ausente de representação e protagonismo.

Isso produz um complexo de inferioridade, uma percepção de se ter menos valor como ser humano. Aqueles que ele chamou de “condenados da terra” somente poderiam transcender essa questão pela garantia do reconhecimento da própria humanidade, baseada em uma afirmação positiva de suas características raciais ou nacionais.

Contudo, Hudis aponta a ideia de igualdade formal e reconhecimento moral do negro como uma descrença para Fanon. Segundo Hudis, ele confundia a ambição do negro que almejava uma condição melhor de vida com a tentativa de incorporar padrões daqueles brancos e privilegiados por natureza. Uma vez que “as pessoas negras não eram consideradas totalmente humanas”, Fanon relacionava o desejo por status social do negro a um possível complexo de inferioridade, uma ideia que sustentava a crença na dignidade humana e no valor dos menos favorecidos, independente de status social ou qualquer padrão considerado necessário na sociedade capitalista da época.

Em suma, me dirijo ao final da análise do texto de Peter Hudis considerando o pensamento de Fanon extremamente importantes para as questões raciais no Brasil. Para Fanon, o real reconhecimento implicava uma questão mais profunda que apenas o status de ser um negro bem estabelecido, era necessário, além disso, ser considerado um ser humano digno de respeito independente de posição social. Um reconhecimento que “implicava reestruturar o mundo”, mas que soava, e ainda soa, como a realidade social ideal para o sujeito negro.

Jessé Souza, acredita que essa não é só uma questão étnica, mas uma questão de classes também. A falsa ruptura do racismo com o fim do racismo científico foi forjada de forma que este assumiu um novo formato. Para Souza, a questão de classes está relacionada a privilégios que se concentraram na reprodução de um capital cultural valorizado. Mas do que se trata capital cultural? Como explica Souza, se trata do valor cultural relacionado a um estilo de vida tido como padrão na luta por oportunidades escassas diante de um território populoso. Nesse contexto, Souza

esclarece que os costumes e expressões culturais nunca valorizados do negro, passaram a ser reduzidos à representação do tosco, bestial após a abolição da escravatura. A substituição da mão-de-obra por mestiços qualificados, alemães e italianos chegados ao Brasil na imigração europeia, ao mesmo tempo que modernizou o país, submeteu os negros à situação de extrema desigualdade e apagamento histórico-cultural.

Entregues à própria sorte e sem recursos suficientes para uma vida digna, a sede de vingança dos negros aumentava na medida em que o descaso dos poderosos se fazia evidente. Os senhores (antes proprietários dos negros) que não se sentiam na obrigação de oferecer assistência aos seus antigos escravos, por outro lado, temiam pela dificuldade de controle dos negros então livres. Diante do pós-abolição, muitos preferiam permanecer nas fazendas à serviço das famílias como forma de garantia recursos (ainda que mínimos), outros ocupavam espaços em meio às cidades como tentativa de estabelecer um padrão de vida ali, outros seguiam caminhos mais afastados dos grandes centros na intenção de fundarem comunidades independentes por meio da subsistência, mas outros decidiam cobrar por direitos que lhes eram negados desafiando a ordem e criando tensões.

Segundo Souza (2019), apesar de ser a principal agente na formação social e econômica do Brasil, a escravidão não foi a primogênita entre as principais instituições, esta era antecedida pela igreja e precedida pela família. A igreja católica teve grande participação nos processos históricos e na formação do pensamento brasileiro, justamente pela forte influência que detinha sobre as normas sociais com o auxílio duma filosofia direcionada à justificação do escravismo. Dentre as formas de tortura utilizadas na escravidão, o silenciamento se apresenta como uma das mais cruéis e atuais. As máscaras projetadas para o rosto das pessoas negras escravizadas que impediam que estas se comunicassem e se alimentassem, eram instrumentos utilizados como castigo. Hoje são usadas como adereços ou como atitude simbólica de silenciar o sujeito negro frente a situações de injustiça. A imagem na página a seguir ilustra um acontecimento incluindo a questão do silenciamento que repercutiu nas redes sociais no ano de 2018.

iBahia

"HOMENAGEM A ESCRAVOS"

Tata Estaniecki causa polêmica nas redes sociais. (2018)

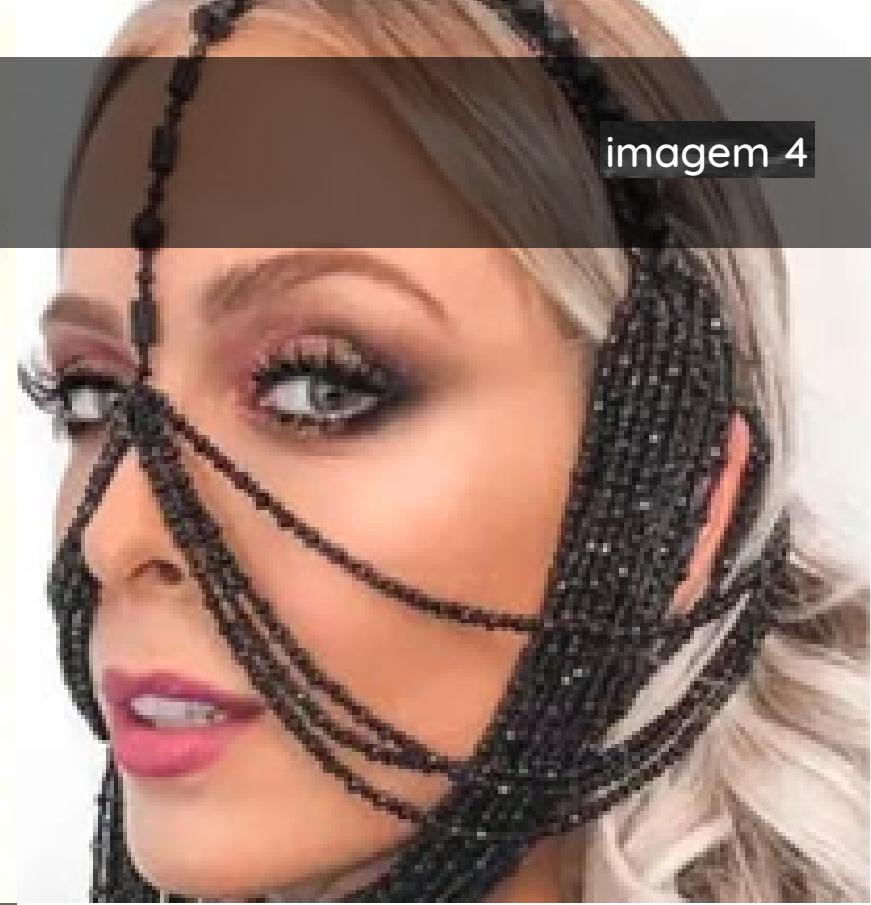


imagem 4

Grada Kilomba em *Plantations memories: Episodes of everyday racism* (2010)



“A máscara, portanto, suscita muitas questões: por que a boca do sujeito negro deve ser presa? Por que ela ou ele deve ser silenciado? O que poderia dizer o sujeito negro se sua boca não fosse selada? E o que sujeito branco deveria ouvir? Há um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, o colonizador terá que escutar. Ele/ela seria forçado a um confronto desconfortável com as verdades dos “Outros”. Verdades que foram negadas, reprimidas e mantidas em silêncio, como segredos. Eu gosto dessa frase “quieto na medida em que é forçado a”. Essa é uma expressão das pessoas da Diáspora africana que anuncia como alguém está prestes a revelar o que se supõe ser um segredo. Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo.” (p. 21)

Supondo uma divisão ontológica imposta por parte da igreja, Souza questiona:

Que pressuposto é esse de que todos, especialistas ou não, se utilizam implicitamente, sem jamais refletir sobre ele? O pressuposto nunca refletido, no caso, é a separação, dentro da raça humana, entre aqueles que possuem espírito e aqueles que não o possuem, sendo, portanto, animalizados e percebidos como apenas corpo. A distinção entre espírito e corpo é tão fundamental por que a instituição mais importante da história do Ocidente, a Igreja Cristã, escolheu, como caminho para o bem e para a salvação do cristão, a noção de virtude como definida por Platão. Este, por sua vez definia a virtude nos termos da necessidade de o espírito doutrinar o corpo, percebido como o território de paixões incontroláveis – o sexo e a agressividade à frente de todas – que levariam o indivíduo à escravidão do desejo e à loucura (p. 21).

A citação acima faz alusão à desumanização do negro. A descentralização da identidade negra, colocando o indivíduo masculino e branco como ser humano central, é parte da mesma estratégia adotada pela igreja ao forjar a imagem do negro, justificando sua exploração enquanto escravo.

Entendo que a participação das instituições como formadoras do pensamento social e organizadoras ontológicas entre as etnias é um dos eixos principais na classificação por privilégios e oportunidades. A recente atualização do racismo culturalista constrói dia após dia um critério cultural baseado em saberes brancos, apagando a contribuição negra que compõe nossa história. Como num processo de epistemicídio⁷, os conhecimentos e saberes negros foram e são destruídos pela cultura dominante branca sem sequer serem assimilados. E, na medida em que os indivíduos, no exercício da sua cidadania, aprimoram suas respectivas consciências sociais e cobram um melhor posicionamento das instituições responsáveis por esse apagamento, o sistema como um todo recorre aos mecanismos midiáticos como forma de forjar a imagem do negro e justificar as barbáries reproduzidas nos noticiários, jornais e plataformas online. As instituições sociais são, e a mídia ensina a ser racista.

⁷ Esse termo é fundado por Boaventura de Souza Santos e tem relação direta com o conceito de epistemologia (reflexão geral em torno da natureza, etapas e limites do conhecimento humano). O epistemicídio se refere à desconsideração dos conhecimentos e saberes de povos considerados inferiores pela cultura branca/occidental dominante.

2. Capítulo 2

DAS VIELAS À SAPUCAÍ: REPRESENTAÇÕES, ELEMENTOS E PERSNAGENS DO NOSSO CARNAVAL

*Só me senti brasileiro duas vezes. Uma, no carnaval,
quando sambei na rua. Outra, quando surrei Julie,
depois que ela me traiu.*

O país do carnaval (1931), Jorge Amado

Neste segundo momento trataremos do carnaval, talvez um dos eventos culturais que mais falam sobre o Brasil. Falar sobre o nosso carnaval, seria falar sobre um fenômeno festivo – que arrasta multidões no início do primeiro semestre de cada ano – em diversos aspectos diferentes. Seria falar também de economia, por exemplo, em função da imensa movimentação de capital que gira por conta dos milhares de turistas que por aqui passam nessa época. Porém, A intenção nesse capítulo, é tratar do carnaval como um ritual nacional que reúne samba, cores, alegorias, brincadeiras, fantasias e o principal neste estudo: elementos de significado social que remontam a realidade brasileira.

Apesar de carregar grande significado em solo brasileiro, o carnaval não é uma particularidade daqui; ele tem sua origem na Roma antiga como um ritual ofertado a Baco, deus da fertilidade e do vinho, relacionado desde a antiguidade grega a festividades que envolviam teatro, música, dança e etc. No entanto, o carnaval em diferentes países apresenta particularidades, sendo que o italiano por exemplo apresenta mais características em comum com carnaval brasileiro do que o estado-unidense.

Em *A vivência do Carnaval em Roma na Aurora da Modernidade ou a felicidade profana como condição para a felicidade do sagrado* (2016), Paulo Catarino Lopes pretende observar de que forma o carnaval em Roma – capital italiana – impõe a felicidade profana (mundana) como acesso à felicidade do sagrado através do relato de um anônimo no início do século XVI. O texto se desenvolve a partir do relato de um criado do Duque de Bragança, D. Jaime, que em 1510 sai de Portugal com destino a Roma, retornando sete anos depois. Lopes busca observar a relação entre os modos de comportamento da sociedade no cotidiano e no carnaval, definindo o segundo, como “o auge de todo um imaginário coletivo, de um momento realmente único em que triunfa o mundo ao contrário – *il mondo a la roveschia*” (p. 31). A linha de raciocínio que o autor traça ao longo do texto, deixa clara a característica dual do carnaval italiano, o que faz com que este estabeleça uma relação muito próxima com o carnaval brasileiro – invertendo ao mesmo tempo

que reforça questões sociais, políticas, de gênero, e, no caso do Brasil, a questão racial que dá sentido a essa discussão.

Sem escolas de samba e trios elétricos, mas com diversão, brincadeiras, máscaras, fantasias e desfiles de carros alegóricos, o ritual italiano não apresenta apenas o espírito festivo como elemento em comum com o brasileiro, ele também celebra personagens do próprio cotidiano social, “das cortesãs aos cardeais, passando pelos judeus e toda uma diversificada comunidade humana.” (p. 36)

Na festa carnavalesca participam nobres, clérigos e elementos do povo. Homens e mulheres. Nativos e forasteiros. Sem dúvida, esta é uma das atrações que torna a vida romana e a urbe que lhe serve de cenário um horizonte de felicidade terrena para o homem europeu. (p. 37)

A disposição dos elementos carnavalescos em conjunto coexistindo num momento festivo, em meio aos excessos, possibilitam a suspensão das regras, fazendo com que se inverta a ideia de permissão e proibição. Logo, é interessante expor aqui uma categoria importante que tem seu valor social invertido na Itália e no Brasil: ao abordar a questão do gênero (feminino) no carnaval, Lopes coloca as mulheres cortesãs e as ‘mulheres pubriças’ [pobres] como condutas femininas que normalmente não se identificam cotidianamente. Porém, ele aponta o carnaval como o acontecimento que as coloca em mesmo plano, “partilhando o mesmo sentimento geral de alegria e de celebração” (p. 39). O autor traz o seguinte relato de D. Jaime:

E nestas festas as mulheres tomam habitu domem, E os homens das mulheres. Chamase huma soo mascara quando muitos vestidos de huma liuree ou invenção. E quando se fazem a caualo o moor louvor delas hee, além de serem os vestidos de huma sorte, serem os corpos de huma mensura E estatura, E os caualos ou mulas de huma mesma cor, as guarnições sem discrepar. E o mesmo seentende nos que andam apee (idem)

O mesmo movimento se dá no carnaval brasileiro, quando personagens marginais são reproduzidos enquanto fantasias, fantasias estas que divertem o expectador na medida em que ofendem o representado.

Fantias como 'Nêga Maluca' ou mesmo homens travestidos de mulheres acabam por reforçar o racismo e a homofobia



imagem 7



imagem 5

Segundo Daniela Luciana, integrante do coletivo de mulheres negras Pretas Candangas, "mesmo que digam que não se trata da fantasia de nêga maluca, eles usam de elementos que esteriotipam o corpo da mulher negra, com seios e nádegas ampliadas." Concluindo, ela ainda opina: "Não é homenagem, não gostei."



imagem 6

Em suma, Lopes interpreta o carnaval como um excesso de euforia e permissão que busca alcançar a felicidade por meio da satisfação dos desejos humanos, ou por meio da harmonia espiritual plena. Em outras palavras, alcançar a felicidade de corpo e alma.

Para DaMatta em *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro: para uma sociologia do dilema brasileiro* (1997), o *Mardi Gras*⁸, carnaval estado-unidense realizado em Nova Orleans, é possível identificar personagens imaginários não cultuados no cotidiano do lugar. É como se no carnaval eles se materializassem dando vida a homens-bichos, mulheres barbadas e anões corcundas em forma de fantasia. (p. 162)

DaMatta analisa que o carnaval estadunidense tem como estratégia fixar seu ritual numa região hierarquizada na tentativa de controlar e condicionar a ordem ali estabelecida, o carnaval brasileiro se realiza num mecanismo completamente avesso. Apesar de ter suas sedes principais em Salvador, BA e Rio de Janeiro, RJ, o ritual não pertence apenas a essas duas cidades, ele é generalizado em todo o país. Aqui, como diz DaMatta, “o carnaval é de todos” (p.122).

Partindo da visão do carnaval carioca, o mais difundido do Brasil, muitas categorias formam o espaço carnavalesco, tendo como símbolos principais o malandro e a mulata. Apesar de ser conhecido pelos desfiles das escolas de samba do grupo principal, realizados no sambódromo da Sapucaí, o carnaval do Rio de Janeiro conta também com os desfiles de blocos ao redor da cidade, em que grupos de indivíduos organizados integram o grande fervo. Existem também os desfiles das escolas de samba do segundo e terceiro grupo, além dos bailes de clubes e festas particulares realizadas durante os dias de folia. Este mesmo formato existe com variações em outras cidades do país, mas mesmo naquelas cidades em que não há escolas, desfiles organizados e outros componentes existentes nos carnavais de grandes centros, há a tradição fundamental de representar elementos do imaginário nacional e local em pequenas materializações.

⁸ O termo tem origem na França, significando *Fat Tuesday* (traduzindo para o português, “terça-feira gorda”).

DaMatta trata o carnaval em geral como um ritual de consagração da totalidade que já existe na realidade, tal como personagens culturais que gostaríamos que estivessem situados ao longo do tempo ou até mesmo fora dele. Os rituais não se diferenciam substantivamente da vivência cotidiana, mas seriam na verdade, uma combinação desses momentos a ser celebrada. Para ele, “é como se o domínio do ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores” (p. 32).

Na medida em que DaMatta utiliza o carnaval como um mecanismo de leitura do dilema nacional, é possível que surjam indagações em relação à crítica social feita por ele, afinal, aos olhos de muitos, não passa o carnaval de apenas um momento pleno de liberdade e criação. Como dito pelo mesmo (p. 32), “uma mentira, uma ilusão e um ardil de quatro noites.” Porém, partindo da perspectiva de que de fato, os rituais trazem à tona aspectos e elementos presentes no cotidiano de uma sociedade, seriam os carnavais, os malandros e heróis nele presentes, sujeitos reais e portadores de grande significado social, os quais talvez encontrem na folia uma possibilidade de expressar seus dilemas diários.

DaMatta traça uma linha tênue entre *rotinas* e *ritos* (p. 47), situações próximas, mas diferentes em suas particularidades. *Rotinas* estão relacionadas a *solenidades* e *ritos* a *festas*. O autor relaciona ‘solenidade’ a cerimônias, congressos, aniversários, funerais, reuniões e etc – “eventos dominados pelo planejamento e pelo respeito” (p. 49), uma definição próxima do que se entende por ‘ritual’ popularmente, devido à formalidade aqui existente. Ao definir ‘festa’, o autor cita a brincadeira, a diversão, a licença, a liberdade – “eventos que tangem a suspensão temporária das regras de uma hierarquização repressora” (*idem*), uma noção distante do que se imagina da ideia de ritual, devido a essa informalidade presente nesse caso. É nessa contradição permissiva da festa que o carnaval se encaixa, e, talvez por isso, parte das pessoas o relacionem apenas à folia, ignorando ou desconhecendo sua essência ritualística.

O autor considera o ritual “algo plenamente compatível com o mundo da vida diária” (p. 72), e a partir de um olhar teórico, ele relaciona três tipos de ritual a três movimentos básicos de ação: o *Dia da Pátria* ao reforço que rege a ordem das coisas, o carnaval à *inversão* temporária que subverte a ordem, e a *neutralização* às *festas religiosas*

que estabilizam a ordem moral que deve ser mantida no dia-a-dia. (grifo meu). Para DaMatta (p. 78), os rituais são momentos especiais da convivência humana (por exemplo, as festas), portanto, não devem ser tomados como momentos essencialmente diferentes – em forma, qualidade e matéria-prima – daqueles que formam e informam a chamada rotina da vida diária (por exemplo, as solenidades). Em outras palavras, eles se entrecruzam e se complementam, falam por si, tanto quanto as relações cotidianas, por isso apresentam por essência um caráter diverso (sagrado ou profano, local ou nacional, formal ou informal).

Todo o percurso da nossa rotina cotidiana é passível de momentos que se repetem na nossa forma de organizar o espaço, o tempo, a vida, e por isso ritos ou atos passíveis de ritualização se perpetuam a todo momento. Para DaMatta, os ritos tem o poder de fazer, dizer, revelar, mas também esconder, provocar, armazenar coisas. Seriam, na verdade, “momentos especiais construídos pela sociedade. São situações que surgem sob a égide e o controle do sistema social, sendo por ele programadas.” (p. 73) Interpretando dessa forma entendo que os ritos acontecem no interior dos rituais, sendo pequenos elementos e construções que dão caráter e sentido ao ritual.

Para DaMatta, o carnaval, em sua construção, tem como fundamento duas perspectivas fundamentais: a *casa* e a *rua*. O autor se refere a ‘rua’ e a ‘casa’ como dois pontos de vista opostos. A rua retratando o mundo, o descontrole, as situações inesperadas e a ausência das regras, enquanto a casa representa proteção, bom senso e regras estabelecidas (p. 92).

É possível encontrar a reprodução do carnaval em ambos os espaços, “no clube, com as pessoas circulando pelo salão; na rua, com as pessoas se engajando em grupos” (p. 113). A relação entre casa e rua, relacionadas à presença e à ausência de regras, se estende ao carnaval como a ideia de inversão também. O carnaval de rua traz consigo o desregramento e o excesso incorporados pela legião de pessoas, já o carnaval de clube determina limites, um regramento imposto pelos responsáveis que exigem certo controle dentro das dependências do lugar.

O que a ideia de inversão procura estabelecer entre as relações carnavalescas é a passagem dos elementos de um estado para o outro, pondo seus sentidos de cabeça para baixo. Os marginais por exemplo, invisibilizados no

dia-a-dia da sociedade, ganham visibilidade na essência desse ritual, pois na medida em que o carnaval realoca esses sujeitos invisibilizados no mesmo plano daqueles privilegiados, ele inverte a ordem e cria um espaço especial para que o carnaval brasileiro seja o carnaval dos marginais. Outro caso em que o carnaval altera o sentido dos elementos e realoca valores, é a compreensão moral da mulher de um estado para outro, de virgem para puta.

Aqui também temos uma oposição que encarna outras dicotomias já mencionadas. Realmente, a mulher tem – no Brasil e no mundo mediterrâneo – uma posição ambígua, com duas figuras paradigmáticas lhe servindo de guia. A da Virgem-mãe, isto é, da mulher que tem a sexualidade controlada pelo homem a serviço da sociedade e é mãe permanecendo virgem. E a da mulher como puta. A mulher que não é controlada pelos homens. Ao contrário, é controladora e centro de uma rede de homens de todos os tipos, pois quem é a puta senão aquela que põe todos os homens em relação? Como Virgem-Maria, a mulher não tem senso de comparação nem de medida, seu poder provindo da virtude. Como puta, ela reprime e susta seu poder reprodutivo (pois a mãe puta é uma ofensa e uma contradição) tornando-se, por outro lado, um centro de poder comparativo e controlador da sexualidade masculina. Assim, como virgem mãe a mulher abençoa e honra seu lar. E como puta ela confere masculinidade aos homens (p. 146).

São ambas categorias morais que não se misturam no mundo real por serem o inverso uma da outra, a virgem mãe sendo o modelo de mulher a se seguir; a prostituta sendo o modelo de meretriz que atenta contra a moral e os bons, põe a prova a sexualidade masculina e os valores sociais e da família. O carnaval adentra essa separação dos domínios virgem e prostituta como uma ponte que permite a circulação destes elementos em conjunto, pois apesar dessa rachadura existir, no carnaval os dois papéis se igualam.

Seguindo essa lógica, é possível no carnaval se deparar com um homem fantasiado de virgem-santa assim como outro interpretando a mulher da vida, com vestes curtas e adereços femininos. Porém, segundo DaMatta (p. 147), por invertermos as posições, a glorificação não é da virgem-santa que desfila num altar, abençoando a todos os homens que, recatadamente, baixam os olhos durante a sua passagem (como nas festas religiosas ao longo do ano, por exemplo). Ao contrário, é da puta.

Assim como na perspectiva feminina, a masculina segue o mesmo esquema. A glorificação não é do grande homem, do pai (dentro dos domínios da casa, chefe do lar), é do homem de vida fácil, do homem da viela (como o malandro carioca que domina a rua, por exemplo). Mas quem seriam esses homens e mulheres de rua, tendo no carnaval seu momento mais pleno de representação? São o malandro e a mulata carioca que, apesar de invisibilizados no dia-a-dia, se transfiguraram como personagens culturais do imaginário popular brasileiro.

“(...) Ninguém quer ninguém, todos querem
tudo
aqui tudo vale qualquer absurdo
e é nesse dia, assaz, diferente
que o malandro é mais homem no meio da
gente!

Nas mãos bater nunca, sapateia nas palmas
ao lado das negras é o taco do alto
samba, malandro, e samba mulata
mostrem mais um sentido da vida ingrata!

Depois com o crioulo, depois a mulata
botando um amor depois dessa data,
lá de cima, feliz, contemplando a cidade
ficou sem favor!”

Poema Rítmico do Malandro (2009), Zito Righi.

imagem 8



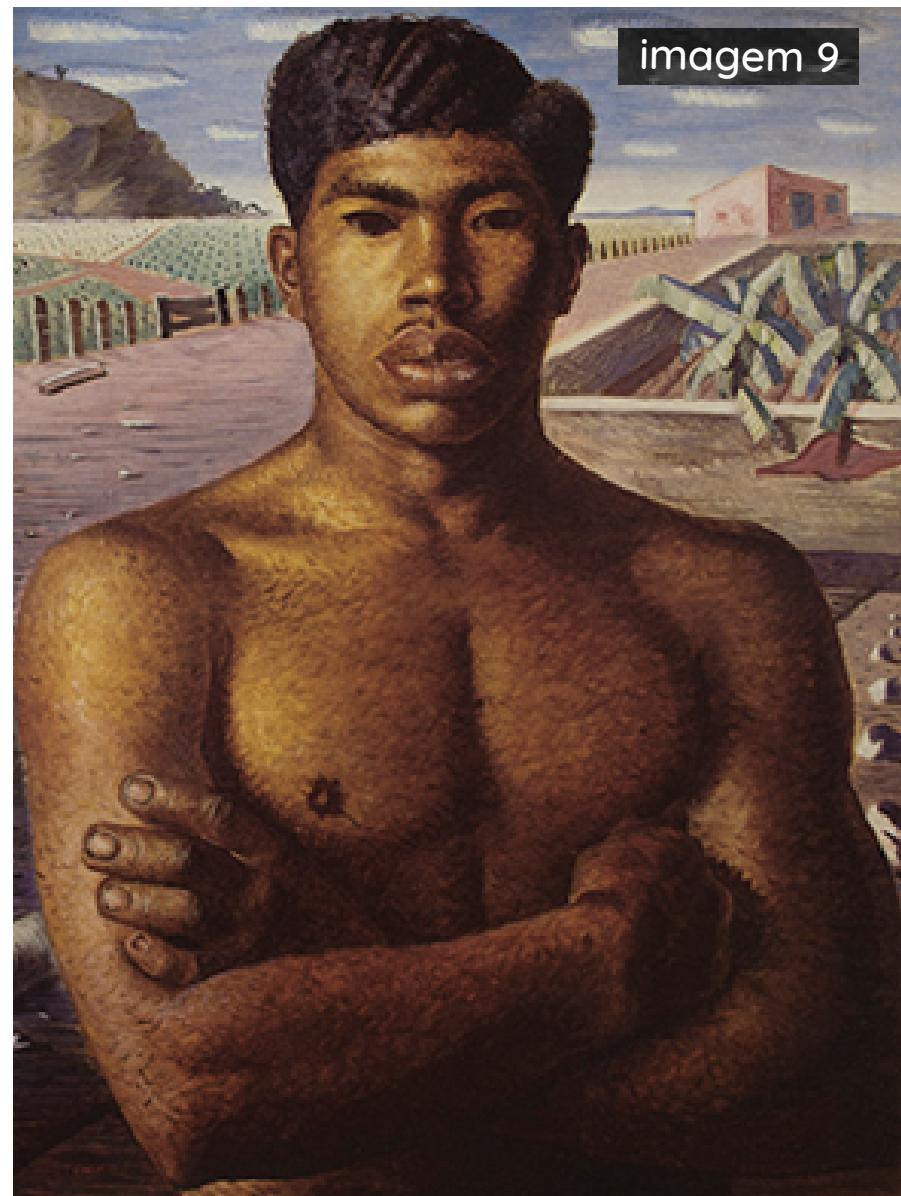
Mulata com leque, 1937. Di Cavalcanti. Óleo sobre tela, 45,00 cm x 36,90 cm. Coleção Gilberto Chateaubriand, MAM RJ.

Duma perspectiva temporal,
quem seriam a "Mulata com
leque" e o "Mestiço" do século
XX, nos dias atuais?

Da série: contexto atemporais.

Da década de 1930 ao ano de 2021...

imagem 9



Mestiço, 1934. Cândido Portinari. Óleo sobre tela, c.i.d. 65,00 cm x 81,00 cm.

No que diz respeito ao malandro, Francisco de Oliveira, em *Jeitinho e Jeitão* (2012), associa o hábito de trapacear que descambou à violação generalizada ao que se passou a chamar de jeitinho. Porém o autor localiza a origem do jeitinho na elite brasileira, adotado na infração das leis em vigor em cada época, ao contrário do senso comum, que tende a associá-lo às classes marginalizadas: “o jeitinho é um atributo das classes dominantes brasileiras que se transmitiu às classes dominadas”. Segundo Oliveira,

No Brasil, a classe dominante burlou de maneira permanente e recorrente as leis vigentes, sacadas a fórceps de outros quadros históricos. O drible constante nas soluções formais propicia a arrancada rumo à informalidade generalizada. E se transforma, ao longo da perpétua formação e deformação nacionais, em predicado dos dominados. (...) Essa situação, que é social, se configura no malandro, o especialista no logro e na trapaça. O malandro, com sua modernidade truncada, foi primeiro o carioca. E esse carioca era geralmente pobre, mas não miserável. Como não poderia deixar de ser, era mulato: esgueirava-se por entre as classes e os estratos mais abastados, no típico – e falso – congraçamento de classes herdado do escravismo. (citação on-line, 2012)

(...) Já falei pra você, que malandro não vacila
Já falei pra você, que malandro não vacila

Malandro não cai, nem escorrega
Malandro não dorme nem cochila
Malandro não carrega embrulho
E também não entra em fila

É mas um bom malandro
Ele tem hora pra falar gíria
Só fala verdade, não fala mentira.”

Malandro não vacila (2014), Bezerra da Silva.

imagem 10



imagem 11

Foto: J.M. Arruda

MALANDRO NÃO VACILA

imagem 12



(2008)

Bezerra da Silva

“Já falei pra você, que malandro não vacila
Já falei pra você, que malandro não vacila
Malandro não cai, nem escorrega
Malandro não dorme nem cochila
Malandro não carrega embrulho
E também não entra em fila. [...]”

DaMatta ainda encaixa o indivíduo enquanto malandro numa categoria social dual e abrangente, polarizando seu papel em dois domínios: a esperteza e a desonestidade. Segundo ele, a malandragem típica do seu estilo de vida fácil, driblando as regras e contornando as situações a seu favor, contrapesa com o gesto desonesto de trapacear, enganar, “virando então um autêntico marginal ou bandido” (p. 282). “E o malandro é um ser deslocado das regras formais, fatalmente excluído do mercado de trabalho, aliás definido por nós como totalmente avesso ao trabalho e individualizado pelo modo de andar, falar e vestir-se.” (p. 276)

O exemplo típico da figura do malandro seria Pedro Malasarte, personagem cultural fictício, encontrado em contos e livros. “Pedro Malasarte é o paradigma do chamado malandro, frequentemente vestido com sua camisa listrada, anel com efígie de São Jorge e sapatos de duas cores, em sua caracterização urbana” (*idem*)

Quanto à construção do estereótipo da mulata carioca, DaMatta se refere à situação da mulher no Brasil como “o prêmio, o objeto final, desejado, central” (p. 147). Segundo ele, a presença das mulheres fetichizadas nos desfiles, portando vestes curtas durante o carnaval, impõe ao ambiente externo da rua uma intimidade geralmente inexistente no ambiente de casa. Ele aponta que a mulher é tratada neste contexto como uma espécie de objeto que se movimenta de um contexto para outro no período carnavalesco, afinal, não é comum a presença de mulheres seminuas pelas ruas no restante do ano.

Essa atmosfera própria criada em torno das mulheres seminuas, as coloca como elemento central do carnaval através dum perspectiva fetichista, incorporando uma visão estereotipada da mulata. Essa mesma construção social que coloca a mulher negra como ‘prêmio central’ no carnaval, a coloca em desvantagem no restante do ano, afinal, essa exaltação sexista da ‘mulata tipo exportação’ é resultado da inversão carnavalesca que é meramente temporária. Segundo bell hooks, em *Intelectuais Negras* (1995), as mulheres negras sofrem o peso taxativo de dois tipos de opressão: o racismo e o machismo. A objetificação imposta sobre seus corpos desconsidera seu valor moral e reduz sua imagem a um estereótipo lascivo.

A mulata exportação

ALTAMIRO
BRANDÃO

2013

Da série
"Grandes
figuras da
negritude
brasileira:
ensaios em
profundidade."



imagem 13



imagem 14

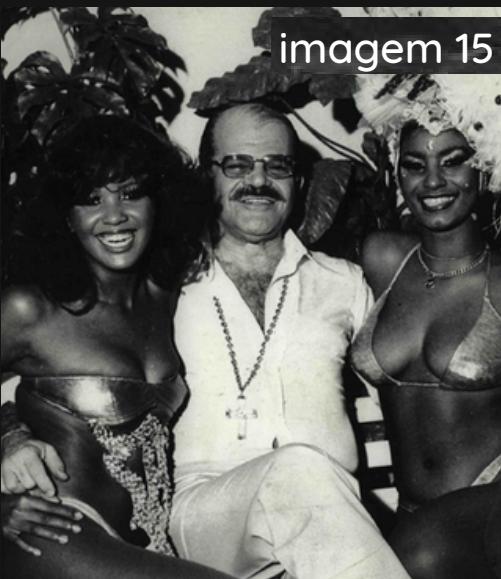


imagem 15

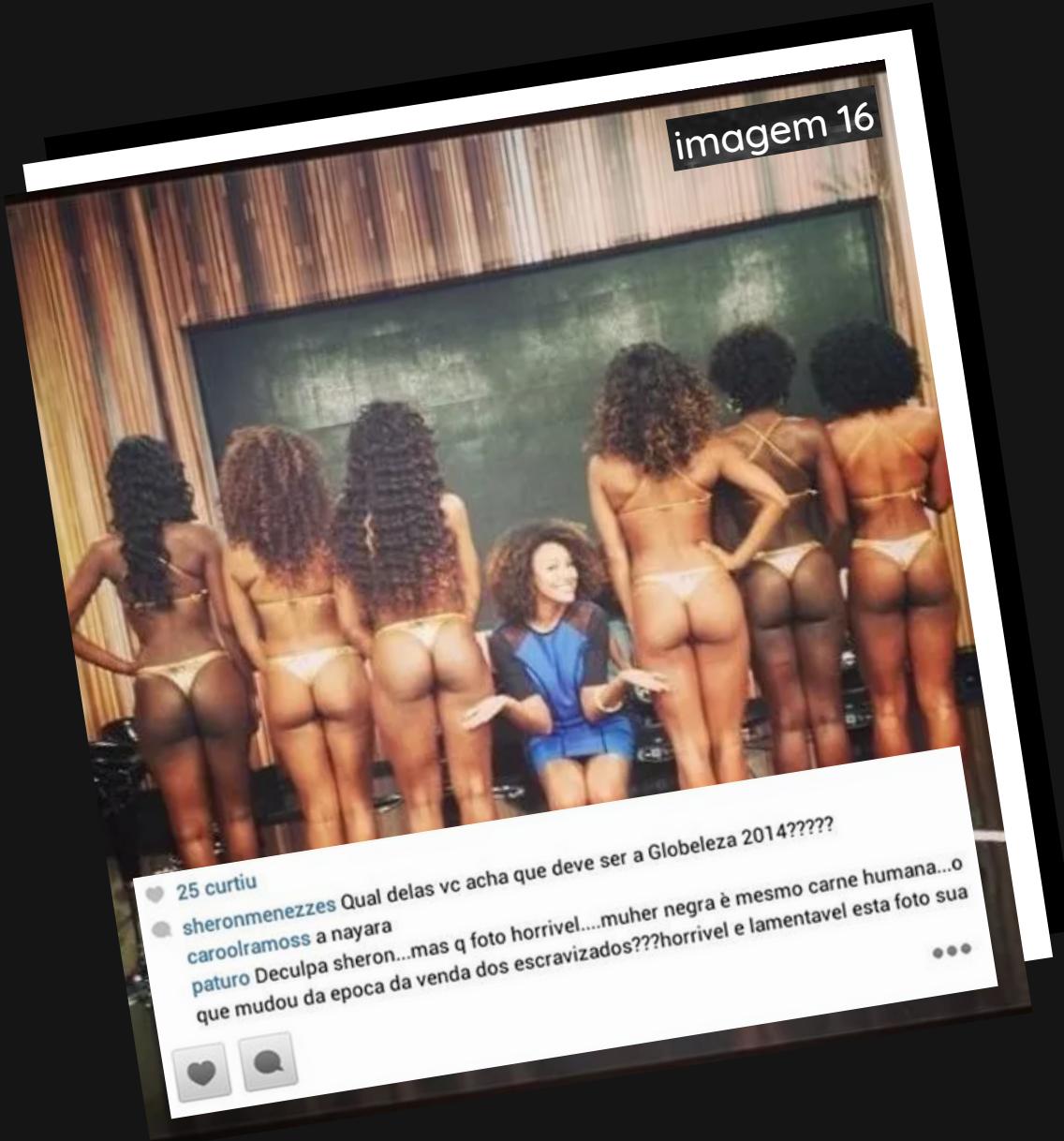
avolumadas. Passamos a exportar mulatas. Sim, exportar, pois elas começaram a viajar além-mar para mostrar a esses gringos de cintura dura o que a mistura racial tinha criado nos trópicos, contrariando as teorias dos doutores Gobineau, Lombroso e Rodrigues. E foi daí que surgiu a categoria "mulata exportação": aquela que samba, dança e representa com toda a autoridade a ginga de um país mestiço e harmonioso como o nosso. [...]"

"Foi a partir dos anos 1960 e 1970 que a categoria mulata ganhou uma feição institucional no que ficou conhecido como "Show de Mulatas". Em casas noturnas da saudosa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro elas dançavam, sambavam e entretinham turistas nacionais e estrangeiros exibindo seus dotes trajando biquínis minúsculos que ressaltavam ainda mais as formas corporais já

Mulheres negras

YZALÚ

(2012)



“Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo, as negras duelam pra vencer o machismo, o preconceito, o racismo. [...] Não deixe que te façam pensar que o nosso papel na pátria, é atrair gringo turista interpretando mulata.”

Voz Ativa 1992

Racionais Mc's



imagem 18



imagem 17

“Nossos irmãos
estão
desnorteados
Entre o prazer e
o dinheiro
desorientados
Mulheres
assumem a sua
exploração
Usando o termo
mulata como
profissão
É mal...
Chegou o
Carnaval,
Chegou o
Carnaval.”

Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas só corpo sem mente. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos, era a exemplificação prática da ideia de que as mulheres desregradas deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve de produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. Essas representações incutiram na consciência de todos, a ideia de que as negras eram só corpo sem mente (p. 469)

Em *O carnaval e a carne negra* (2019), Elisangela Lima considera importante lembrar que “até mesmo uma festa que propõe como tema a liberdade dos corpos, luta e resistência, está imersa em um processo dialético de opressões raciais, gênero, sexualidade e classe”. Ao longo do texto, a autora procura observar o carnaval como uma festa que simboliza a liberdade e a infração em suas mais distintas manifestações. A liberdade concedida pela ausência das regras disputa espaço com libertinagem, manifestada por meio da representação de figuras estruturalmente discriminatórias, como por exemplo, as *blackfaces*.

Lima faz uma conexão muito interessante entre os problemas estruturais presentes na nossa constituição social e a forma como sujeitos privilegiados por esta se comportam em relação àqueles menos favorecidos. É o caso da relação de verticalidade existente entre o lugar social do homem branco heterossexual e o da mulher negra no cotidiano. No carnaval, a suspensão das regras permite a inversão do gênero e o corpo da mulher negra ganha destaque enquanto sátira, uma brincadeira que carrega o preconceito contra as mulheres negras e os homossexuais.

"Outro exemplo comum de blackface são as fantasias de Nega Maluca. Além de pintar os rostos de tinta preta, os traços são exagerados;



imagem 19

O carnaval e a carne negra (2019)

Elisangela Lima

[...] o próprio nome dado à fantasia já diz muito. Não é possível que alguém realmente acredite na ingenuidade de uma fantasia como essa."



imagem 20

Não suficiente, a cultura estrutural do patriarcado presente na nossa construção, consente e naturaliza o assédio sobre o corpo da mulher – principalmente a negra – e a animalização sobre o corpo do homem. Apesar de todos os corpos serem sexualizados em algum nível, a extrema fetichização imposta ao corpo da mulher negra se estende ao corpo do homem negro também. Ainda que a presença do machismo acentue a objetificação em relação ao corpo da negra, o racismo por si só traz a construção de um estereótipo de reproduutor, bruto, forte, truculento, ao homem negro.

Na perspectiva histórica e ultrassexualizada do racismo, o homem negro é o homem viril, avantajado em suas partes íntimas, e por isso, o reproduutor. O negro nesse contexto, é o ‘negão’. Lima equipara a desconsideração da mulher negra enquanto mulher ideal à situação do homem negro. Segundo ela, “a construção da masculinidade ocidental exclui os homens negros como figura tradicional”.

Outro traço comum do carnaval brasileiro é a transfiguração do negro enquanto chacota ou sátira. Denominadas *blackfaces*, as práticas ofensivas, nas quais pessoas brancas colorem seus rostos com algum tipo de tinta ou pigmento preto na intenção de entreter o público branco, não só reproduzem como ridicularizam as características físicas de pessoas negras. O uso de adereços exagerados como perucas esgrouvinhadas fazendo alusão ao cabelo afro, enchimentos absurdos simulando os seios das negras e próteses falsas colocadas entre as pernas dos homens remetendo ao pênis de um negro, são exemplos de *blackfaces* encontradas no carnaval brasileiro.

No caso dos homens negros em relação ao carnaval se popularizou a figura do Negão da Piroca reduzindo a uma parte do corpo, onde é lembrado como instrumento sexual. Por vezes vistos como agressivos e inacessíveis. Um exemplo para ilustrar é a fantasia vendida no Mercado Livre em formato de pênis. A pessoa que compra, no valor de R\$ 169,90, veste literalmente uma fantasia de pênis! (citação on-line, 2019)

imagem 21



A figurinha de whatsapp conhecida como 'Negão da Piroca', viralizou entre os usuários a ponto de ultrapassar as fronteiras da rede social. Virou fantasia...

Que lógica é essa, que reduz a imagem do homem negro ao próprio pênis?

imagem 22



"O tradicional concurso de fantasias do *Cavalheira Fantasy* acabou de acontecer. Os campeões foram Edgar Paiva Jr e Rodrigo, que ganharam uma viagem para Fernando de Noronha. Em segundo lugar, o folião José Neto, fantasiado de Dona Herminia, ganhou um Iphone 7. Cada candidato é apresentado ao público. O mais aclamado é o vencedor da competição."

Paulo Lannes (2017) via Facebook.
Publicado em: Metrópoles .

O carnaval para parte dos brasileiros é um momento especial em que as categorias sociais, diariamente separadas, se unem através do espírito da festa e da alegria, porém, concordo com Lima sobre as manifestações simbólicas representarem no limite da desumanização personagens negros criados ao longo do tempo. O carnaval faz do samba (enredo e dança), um dos elementos de maior identificação da cultura negra no Brasil. Porém, é irônico perceber que o ritual que coloca o negro como figura principal, é o mesmo que o desrespeita e diminui. Na mesma medida em que o malandro e a mulata são construções sagradas desse ritual, fica evidente por outro lado, a intenção por trás de fantasias com o nome de “nega maluca” ou “negão da piroca”, por exemplo.

"Meu choro não é nada além de carnaval
É lágrima de samba na ponta dos pés
A multidão avança como vendaval
Me joga na avenida que não sei qual é
Pirata e Super Homem cantam o calor
Um peixe amarelo beija minha mão
As asas de um anjo soltas pelo chão
Na chuva de confetes deixo a minha dor
Na avenida deixei lá
A pele preta e a minha voz
Na avenida deixei lá
A minha fala, minha opinião
A minha casa, minha solidão
Joguei do alto do terceiro andar
Quebrei a cara e me livrei do resto dessa
vida
Na avenida dura até o fim
Mulher do fim do mundo
Eu sou e vou até o fim cantar"



3. Capítulo 3
IDENTIDADE E CULTURA DAS IMAGENS

“Minha imagem de homem exótico à venda.”

Paulo Nazareth

Premium Bananas (2013)

Neste capítulo pretendo partir dos estudos sobre imagem para observar o conteúdo e a influência que elas carregam, assim como o contexto sociocultural em que estão inseridas. Com o auxílio da Cultura Visual e das noções de Identidade procurarei interpretar o que as imagens selecionadas por mim nos convidam a refletir enquanto sujeitos culturais e visuais.

Na dissertação de mestrado *Cultura Visual e a Educação Através da Imagem* (2010), Lucia de Fátima Cardoso busca entender de que forma as imagens educam quem as consome. A autora interpreta estas imagens como uma espécie de imersão visual formada pelo contexto cultural no qual está inserida, procurando associar as imagens ao campo de estudos da cultura visual para entender de que forma o conhecimento se constrói através delas. A autora ressalta que as imagens estão em constante relação com o ser humano desde a antiguidade, através de desenhos pré-históricos, pinturas rupestres e outras manifestações imagéticas. A linguagem visual é a linguagem primária e de mais fácil comunicação por ser a linguagem dos olhos. Ela não só antecede, como transcende a linguagem escrita através da visão e demais processos cognitivos humanos. Para Cardoso,

O termo imagem pode possuir tantos tipos de significações, que parece difícil dar uma definição que abranja a todos os seus empregos. Pode-se falar da imagem encontrada em um desenho, em uma pintura, no cinema, na televisão, em um cartaz, entre tantos outros suportes. Também se pode usar o termo imagem ao se referir à memória, aos sonhos, às fantasias. Existem também as imagens da natureza, das paisagens naturais, que também fazem parte das visualidades do ser humano. Ou ainda as expressões culturais, tais como “Deus criou o homem a sua imagem”, que nos remete diretamente ao termo. (p. 17)

A autora aborda os estudos sobre semiótica como um desenvolvimento de métodos de observação de imagem para que estas sejam lidas como manifestações sígnicas. Entretanto, tais princípios reforçam a condição do termo imagem como algo composto de partes de diferentes naturezas, ou seja, algo que pode reunir e coordenar, dentro de um limite ou quadro, diferentes categorias de signos. Na semiótica, um dos conceitos que permite compreender a imagem, tanto as materiais quanto as mentais, é o conceito de representação. (p. 23)

Por estar fortemente ligada à nossa experiência vital, a imagem é estudada por mais de uma área do conhecimento e apresenta diferentes abordagens de acordo com a perspectiva utilizada por cada teórico. Segundo Cardoso a representação de um contexto sócio cultural que ganha significado através da interpretação dos indivíduos. Ao mesmo tempo, os próprios indivíduos se formam através da imagem. Para ela, “as imagens, inseridas em contextos sócio culturais, são portadoras de significados e formadoras dos sujeitos contemporâneos.” (p. 32)

Em Catadores da Cultura Visual: para uma nova narrativa educacional (2007), Fernando Hernández interpreta o termo Cultura Visual, como um trânsito de imagens em série representando contextos culturais relacionados a um determinado modo de ver, viver, organizar e refletir sobre a vida, principalmente as representações de contextos atuais que faz com que nos auto-observemos, refletindo sobre o nosso passado e nosso repertório até o presente momento.

Por esse motivo, a expressão cultura visual refere-se a uma diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar. Desse ponto de vista, quando me refiro neste livro à cultura visual, estou falando do movimento cultural que orienta a reflexões e às práticas relacionadas a maneiras de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, refiro-me às maneiras subjetivas e intra-subjetivas de ver o mundo e si mesmo (HERNÁNDEZ, p. 22)

Através do pensamento de Hernández é possível entender que a produção de imagens se dá de acordo com o contexto em que estão inseridas, assim como é possível entender também que a leitura sobre elas é igualmente atravessada pela forma de cada um conceber seu próprio mundo. Uma vez que vivemos numa sociedade

culturalmente homogeneizada pelas conexões tecnológicas, o ritmo com que observamos os significados visuais presentes nas imagens não acompanha a velocidade com que as mesmas nos alcançam. Em consequência disso, Hernández aponta a importância de um “alfabetismo visual” que permita aos aprendizes analisar, interpretar, avaliar e criar a partir da relação entre os saberes que circulam pelos ‘textos’ orais, auditivos, visuais, escritos, corporais e, especialmente, pelos vinculados às imagens que saturas as representações tecnologizadas nas sociedades contemporâneas” (p. 24).

Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (1992) interpreta essas conexões e representações tecnológicas como ‘globalizações’. Para ele, o sujeito pós-moderno é constantemente atravessado por concepções diferentes de identidade, de diferentes culturas e lugares do mundo, o que faz com quem ele as absorva inconscientemente e altere seu estado inicial de sujeito centrado. Desta perspectiva, o ser contemporâneo é o indivíduo da identidade e da cultura forjadas, alteradas, descentradas. (p. 9)

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente (p. 13)

Logo, se os sujeitos se formam através das imagens produzidas num contexto cultural contemporâneo forjado pelos inúmeros atravessamentos culturais, as imagens que circulam de forma massificadora são consequentemente forjadas sob os mesmos moldes. Por comporem uma forma de linguagem, as imagens são passíveis de leitura, porém, a alta circulação das informações visuais pelos veículos midiáticos e redes sociais faz com que essas imagens sejam consumidas de forma líquida, além de serem interpretadas de maneira superficial ou destorcida. As imagens são consumidas de forma líquida por serem interpretadas sem a assimilação de significados. Tudo é dinâmico e rápido.

No entanto, elas nos formam de maneira inconsciente quando nos pregam ideias e conceitos, ainda que não tenhamos consciência desse processo de impregnação. Segundo Zygmund Bauman, “Na modernidade ‘líquida’ mandam os mais escapadiços, os que são livres para se mover de modo imperceptível” (2001, p.114).

Uma vez que a cultura brasileira carrega as consequências da escravidão na memória histórica do país, o racismo se faz presente na (re)produção de imagens também. O caráter, positivo ou não da imagem, fica a depender da intenção de quem vincula o objeto presente nela a um determinado contexto, espaço ou situação. É o caso da imagem forjada do negro no Brasil, vinculada a inúmeros contextos, espaços e situações resultantes da nossa estrutura racista. Desta perspectiva, o caráter negativo presente nas imagens que retratam o negro apresenta um cunho racista por que a sociedade é racista.

Além de espaços virtuais compostos por redes sociais, canais independentes de informação ou desinformação, pessoas influentes em sites, redes e canais contaminadas por mecanismos de impulsionamento, desempenhando ocasionalmente o papel das instituições: coordenar as relações de poder entre os indivíduos com base na classe social e na raça. Resumidamente, o setor informativo e a geração de imagens contendo figuras negras em posição de inferioridade, são também, como me referi no primeiro capítulo, problemas estruturais do racismo.

3.1. Observando imagens

Lúcia Santaella e Winfried Nöth em *Imagen: cognição, semiótica e mídia* (1997) apontam três paradigmas em que, segundo eles, as imagens se dividem: o pré-fotográfico, o fotográfico e o pós-fotográfico (p. 157). O primeiro abarca as imagens artesanais, feitas à mão, como as imagens da arte, por exemplo. Neste caso, a imagem préfotográfica depende da habilidade manual e criativa do indivíduo que cria um conteúdo visual a partir da própria imaginação. O paradigma fotográfico se refere às imagens captadas através de uma máquina de registro, ou seja, imagens que captam elementos preexistentes. O terceiro e último paradigma diz respeito às imagens manipuladas

pela tecnologia, como as imagens criadas ou editadas por designers e demais profissionais que lidam com artes digitais, por exemplo.

O primeiro paradigma, nomeia todas as imagens que são produzidas artesanalmente, quer dizer, imagens feitas a mão, dependendo, portanto, fundamentalmente da habilidade manual de um indivíduo para plasmar o visível, a imaginação visual e mesmo o invisível numa forma bi ou tridimensional. Entram nesse paradigma desde as imagens nas pedras, o desenho, pintura, gravura até a escultura. O segundo se refere a todas as imagens que são produzidas por conexão dinâmica e captação física de fragmentos do mundo visível, isto é, imagens que dependem de uma máquina de registro, implicando necessariamente a presença de objetos reais preexistentes. [...] O terceiro paradigma diz respeito às imagens sintéticas ou infográficas, inteiramente calculadas por computação. Estas não são mais, como as imagens óticas, o traço de um raio luminoso emitido por um objeto *preexistente* – de um modelo – captado e fixado por um dispositivo foto-sensível químico (fotografia, cinema) ou eletrônico (vídeo), mas são a transformação de uma matriz de números em pontos elementares (os pixels) visualizados sobre uma tela de vidro ou uma impressora (Couchot, 1998: 117). (*idem*)

4. Capítulo 4
O NEGRO E A IMAGEM

“Cansei de ver a minha gente nas estatísticas
Das mães solteiras, detentas, diaristas
O aço das novas correntes não aprisiona minha mente
Não me compra e não me faz mostrar os dentes.”

Mulheres Negras (2012), Yzalú

4.1. Imagens 1 e 2

A relação das duas imagens aborda a diferença existente entre o negro o branco no setor do trabalho. A primeira imagem⁹ retrata a questão da insalubridade do ofício dos garis durante a pandemia de Covid-19 no Rio de Janeiro. Em meados de março de 2020, enquanto o mundo adotava restrições devido ao avanço do Coronavírus, a Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb) do Rio, obrigava os funcionários a realizarem suas atividades normalmente, sem o mínimo de assistência ou recursos que previssem o contágio da doença. Segundo denunciou o gari Leandro na época, não havia álcool em gel, máscara, luva ou qualquer utensílio para o trabalho fosse realizado de forma segura.

“Não tem álcool em gel, nunca teve álcool em gel, ainda mais nessa hora...aí que não vai ter mesmo. Não tem máscara, nunca teve máscara, todos os trabalhadores estão trabalhando sem máscara, sem qualquer tipo de utensílio que nos previna desse vírus. Luva só a comum, agora, máscara, álcool em gel, limpeza nas gerências, isso não tem em nenhuma gerência, nem na minha e nem nas outras. Então, essa é a situação que se encontra as gerências da Comlurb”

⁹ Imagem 1 – ESQUERDA DIÁRIO. *Comlurb deve garantir condições seguras de trabalho e os garis decidirem as escalas e os serviços diante do coronavírus*. 2020. Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/Comlurb-deve-garantir-condicoes-seguras-de-trabalho-eos-garis-decidirem-as-escalas-e-os-servicos>> Acesso em: 08 de nov. 2021.

A segunda imagem¹⁰, que teve grande circulação na internet ao ser comparada com a primeira, trata da polêmica por falta de negros e mulheres entre os funcionários de uma empresa de tecnologia. A Avel Investimentos, um escritório de assessoria digital no desenvolvimento de softwares no Rio Grande do Sul, viralizou negativamente ao postar uma foto apresentando seu time de funcionários composto exclusivamente por homens brancos, sem a presença de mulheres e de pessoas negras.

Segundo o Ministério Público do Trabalho do Rio Grande do Sul (MPT-RS), a repercussão da imagem resultou numa ação movida por entidades civis como a Educafro, a Associação Visibilidade Feminina e o Centro Santos Dias de Direitos Humanos. O argumento levantado por essas instituições sociais, consideram a cultura da empresa avessa à realidade atual da nossa sociedade. Após a empresa rebater a ação com a justificativa de que segue o comportamento médio de outras empresas no mercado de trabalho, procuradores do Ministério Público decidiram dar continuidade à ação, que segue em curso. O texto que acompanha as duas imagens foi retirado do site *Mídia Ninja* (2021).

O termo ‘contraste’ que intitula a composição das duas imagens (página 17), faz alusão ao contraste vertical que coloca os brancos numa posição social superior à dos negros, atribuindo facilidades aos mais privilegiados (como a ocupação das melhores vagas de emprego, por exemplo).

¹⁰ Imagem 2 – AMADO, G. e GHIROTTI, E. *Empresa ligada à XP tenta gerir crise por falta de negros e mulheres*. Metrópoles, 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/empresa-ligada-a-xp-tenta-gerir-crise-por-falta-de-negros-emulheres-veja-video>> Acesso em: 04 de nov. 2021.

4.2. Imagem 3

“Eu sou da estação primeira de Nazaré
 Rosto negro, sangue índio, corpo de mulher
 Moleque pelintra no buraco quente
 Meu nome é Jesus da gente
 Nasci de peito aberto, de punho cerrado
 Meu pai carpinteiro desempregado
 Minha mãe é Maria das Dores Brasil
 Enxugo o suor de quem desce e sobe ladeira
 Me encontro no amor que não encontra fronteira
 Procura por mim nas fileiras contra a opressão”

A verdade nos fará livre (2020), Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo.

O trecho da canção citada acima é parte do enredo da escola de samba carioca Mangueira, do ano de 2020. A imagem 3¹¹ (página 19) é o registro de um dos carros alegóricos que compunha o desfile, onde um jovem negro aparece crucificado. A escola recebeu diversas críticas por estar supostamente relacionando Jesus Cristo a figura de um bandido. Numa postagem feita via *Facebook*, neste mesmo ano, a página *Quebrando o Tabu* rebateu as críticas questionando: “Quer dizer então que se for preto é bandido?”.

¹¹ Imagem 18 – QUEBRANDO O TABU. Quer dizer então que se for preto é bandido? Facebook, 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/quebrandoottabu/photos/no-desfile-da-mangueira-teve-muita-gente-inclusiva-deputados-dizendo-que-aescol/3218150278241337/>> Acesso em: 09 de nov. 2021.

4.3. Imagem 4

“O primeiro capítulo de *Plantations memories: episodes of everyday racism*, de Grada Kilomba, é intitulado “A máscara: colonialismo, memória, trauma e descolonização”, e, para ilustrar, há uma pintura da escrava Anastácia. Anastácia foi obrigada a viver com uma máscara cobrindo sua boca. Kilomba explica que, formalmente, a máscara era usada para impedir que as pessoas negras escravizadas se alimentassem enquanto eram forçadas a trabalhar nas plantações, mas, segundo a autora, a máscara também tinha a função de impor silêncio como para praticar tortura” (RIBEIRO, 2020, p. 75).

Em *Lugar de fala* (2020), livro de Djamila Ribeiro, tive meu primeiro contato com a história de Anastácia. A partir do relato da autora, lancei algumas palavras referentes ao silenciamento negro e pude ter acesso à ‘homenagem’ de Tata Estaniecki (blogueira localizada ao lado direito da imagem 4¹², página 30). Dentro da lógica colonial de silenciar o oprimido, Ribeiro levanta uma série de questionamentos como “quem foram os sujeitos autorizados a falar?” E se “podemos falar sobre tudo ou somente sobre o que nos é permitido falar?”, por exemplo. (p. 77) Grada Kilomba em *Plantations memories: Episodes of everyday racism* (2010) responde às perguntas inqueridas por Ribeiro.

Ribeiro ainda reitera que “falar de racismo, opressão de gênero, é visto como algo chato, ‘mimimi’ ou outras formas de deslegitimização” (idem). Esse movimento contra o processo de repressão é taxado como falho ou vitimista por quebrar o silenciamento imposto pela regra hegemônica.

¹² Imagem 3 – IBAHIA. *Blogueira gera revolta com 'homenagem a escravos' em baile*. 2018. Disponível em: <<https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/blogueira-gera-revolta-com-homenagem-a-escravos-em-baile/>> Acesso em: 10 de nov. 2021.

4.4. Imagem 5, 6 e 7

As imagens 5¹³ e 6¹⁴ (página 35) retomam a discussão em torno das *blackfaces*, porém, destacando dessa vez, um agente de reprodução diferente: a mídia. A personagem Adelaide retratada na primeira imagem, compunha o programa de humor *Zorra Total* da emissora de televisão Rede Globo, onde tive o primeiro contato visual com o quadro. Na maioria das vezes Adelaide era representada como uma pedinte de metrô que, repetidamente, disparava:

“Me dá 10 centarro?” Na segunda imagem, a personagem ganha vida através de outra pessoa, como fantasia carnavalesca, ocupando um espaço ritualizado. O deslocamento da personagem, das telas de televisão para o carnaval de rua, mostra seu processo de concretização no tempo, legitimando a imagem que veicula racismo.

Segundo Carla Neves, em matéria publicada no site UOL, o ator Rodrigo Sant'anna (imagem 7¹⁵) que dá vida à personagem, foi acusado de racismo por parte dos telespectadores e ONGs em 2012, sendo investigado pela 19ª Promotoria de Investigação Penal, no Rio de Janeiro. Os colunistas contam que em um dos episódios a personagem diz: “Durante a enchente não pude ficar sem minha palha de aço, daí corri atrás pra pegá-la e quando vi, eram os cabelos da minha filha.” Apesar do roteiro não ter sido escrito por Sant'anna, o ator teve de se posicionar diante do caso, dizendo apenas que seu foco era o humor e que preferia não se manifestar além disso.

¹³ Imagem 5 – ANDRADE, Naiara. *Rodrigo Sant'anna apresenta a musa inspiradora da pedinte Adelaide, do 'Zorra', e afirma: 'Sou a cara da pobreza!'*. EXTRA, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/rodrigo-santanna-apresenta-musa-inspiradora-da-pedinte-adelaide-do-zorra-afirma-sou-cara-da-pobreza-6533267.html>> Acesso em: 29 de out. 2021.

¹⁴ Imagem 6 – PEDUZZI, Pedro. *Fantias de carnaval podem reproduzir preconceitos contra negros e homossexuais*. No minuto, 2015. Disponível em: <<https://nominuto.com/noticias/carnaval-2015/fantias-de-carnaval-podem-reproduzir-preconceitos-contra-negros-e-homossexuais/122105/>> Acesso em: 01 de nov. 2021.

¹⁵ Imagem 7 – PAPO DE CINEMA. *Rodrigo Sant'anna. Porto Alegre*, 2017. Disponível em: <<https://www.papodecinema.com.br/artistas/rodrigo-santanna>> Acesso em: 27 de out. 2021.

4.5. Imagem 8 e 9

Ambos os quadros fizeram parte da minha trajetória no curso de Artes Visuais e pela segunda vez elas ganham espaço num estudo realizado por mim. A atemporalidade das obras artísticas de Di Cavalcanti e Cândido Portinari (imagens 8¹⁶ e 9¹⁷, página 41), faz com que ainda sejam atuais, apesar do tempo que nos separa das suas criações. Apesar da mulata de Cavalcanti e do mestiço de Portinari datarem da década de 1930, seus lugares sociais permaneceram nos períodos posteriores. A Mulata objetificada de Di, por exemplo, aparece aqui como a antecessora das globelezas apresentadas nas imagens 8 e 9, e das mulatas do Sargentelli da imagem 15. Estas continuam assumindo o estereótipo da mulher negra ultrassexualizada, assim como os mestiços, malandros e demais marginais, que representam uma considerável parcela da população brasileira hoje. Duma perspectiva cultural, DaMatta associa o que ele chama de marginais de todos os tipos, aos heróis do carnaval. Segundo ele, “se quisermos reunir todos esses tipos numa só categoria social, sabemos que todos eles são malandros” (p. 276).

4.6. Imagens 10, 11 e 12

“Malandro é malandro

E mané é mané, diz aí!

Podes crer que é...

Malandro é o cara

¹⁶ Imagem 8 – CAVALCANTI, Di. Mulata com leque. Enciclopédia Itaú Cultural. *Mulheres com leque*. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2588/mulata-com-leque>> Acesso em: 10 de nov. 2021.

¹⁷ Imagem 9 – PORTINATI, Cândido. Mestiço. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3202/mestico>> Acesso em: 09 de nov. 2021.

Que sabe das coisas
Malandro é aquele
Que sabe o que quer
Malandro é o cara
Que tá com dinheiro
E não se compara
Com um Zé Mané
Malandro de fato
É um cara maneiro
Que não se amarra
Em uma só mulher."

Malandro é malandro e mané é mané (2000), Bezerra da Silva.

Os homens apresentados nas imagens 10¹⁸ e 11¹⁹ representam os malandros, descritos na canção acima. Quase sempre vestindo traje alinhado, chapéu ou gorro, terno ou camisa social, o malandro que primeiramente era o carioca, é hoje, herança cultural do Brasil. As relações verticais de desigualdade que segregam pessoas com base na classe social e na raça, originaram esse sujeito, geralmente mulato ou negro, residente das zonas periféricas do

¹⁸ Imagem 10 – UTEIXEIRA, Angélica. *Salgueiro homenageou os malandros com enredo inspirado na Ópera do Malandro*. de Chico Buarque. Pinterest, 2020. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/540150549038158344/>> Acesso em: 28 de out. 2021.

¹⁹ Imagem 11 – SAMBANDO, Autêntico como o samba. Os 7 malandros. Disponível em: <<https://www.sambando.com/os-7-malandros>> Acesso em: 01 de nov. 2021.

Rio de Janeiro, e, como define Francisco Oliveira em *Jeitinho e jeitão* (2012), “especialista no logro e na trapaça”. Minha relação com essas três imagens (página 43) se deu através dos textos de Francisco de Oliveira, Roberto DaMatta e de outros autores, assim como das músicas de Bezerra da Silva e de outros cantores. Bezerra da Silva (imagem 12²⁰) incorpora o estereótipo desse personagem social. O sambista que se dizia descolado, sagaz e sarcástico em suas letras, ocupa hoje um lugar especial na cultura do samba por ter cantado a realidade do negro, do pobre e principalmente, a arte da malandragem.

4.7. Imagens 13, 14 e 15

A ‘mulata do tipo exportação’, referida pelo autor do texto, ganha recortes visuais nas mulheres negras presentes nas imagens 13²¹, 14²² e 15²³ (página 45). Conhecidas como as ‘mulatas do Sargentelli’, essas mulheres representavam um símbolo sexual entre as décadas de 60 e 70, portando vestes provocantes como vestidos curtos e biquinis cavados. Oswaldo Sargentelli era um produtor cultural e empresário, amante do samba e dos carnavais, porém, suas atividades não ficavam restritas a esses dois ofícios. Atuou também como apresentador de programas de televisão até ser impedido pelo regime militar que se instalava no Brasil naquele período. Foi nessa época que o

²⁰ Imagem 12 – DA SILVA, Bezerra. *Eu não sou santo*. Letras, Rio de Janeiro, 1990. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/bezerra-dasilva/discografia/eu-nao-sou-santo-1990/>> Acesso em: 02 de nov. 2021.

²¹ Imagem 13 – MONTEIRO. Rodrigo. Veja *imagens da carreira da atriz Solange Couto*. UOL, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://televisao.uol.com.br/album/2012/09/21/veja-imagens-da-carreira-da-atriz-solange-couto.htm>> Acesso em: 10 de nov. 2021.

²² Imagem 14 – CINEMA É MAGIA. [Por onde andam] Solange Couto/Fátima Adele. Wordpress, 2015. Disponível em: <<https://cinemagia.wordpress.com/tag/por-onde-andam-mulatas-do-sargentelli/>> Acesso em: 11 de out. 2021.

²³ Imagem 15 – FERREIRA, Luis C. OUTROS CARNAVAIS: *Em 2002, Sargentelli, famoso por suas dançarinhas, morreu após homenagem em novela*. UOL, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://acervofolha.blogfolha.uol.com.br/2017/02/26/outros-carnavais-em-2002sargentelli-famoso-por-suas-dancarinhas-morreu-apos-homenagem-em-novela/>> Acesso em: 04 de nov. 2021.

produtor começou a produzir os shows de mulatas em casas noturnas no Rio de Janeiro como o Sambão, o Sucata, e a mais conhecida delas, o Oba-oba.

A movimentação artística promovida por Sargentelli se popularizou a ponto desses shows de mulatas se transformarem em shows de talentos em que artistas foram reveladas. Inclusive, foi através da aparição dessas dançarinas em programas de televisão e telenovelas (como Solange Couto, situada a direita de Sargentelli na imagem 13), que tive acesso a história e a trajetória artística do produtor e das demais mulheres.

Essa mostra de mulheres se enraizou no imaginário nacional a partir da consolidação da figura da mulata sexualizada, o que influenciou a criação da figura da mulata globeleza, por exemplo. A meu ver, os espetáculos que supostamente enalteciam a mulher negra, na verdade contribuíram para objetificação da sua imagem, de forma machista e racista. Até que ponto esses shows de mulatas associaram a figura da mulher negra a corpos sexualizados? Esta figura da mulata carnavalesca é uma valorização da beleza mulher negra ou tem apenas a intenção de sexualizá-la?

4.8. Imagem 16

Na imagem 16²⁴ (página 46), a atriz Sheron Menezes da emissora Rede Globo aparece no centro acompanhada de mulheres negras seminuas. Na ocasião, Sheron, que também é negra, dirigia o concurso que elegeu a globeleza de 2014, um contexto que assinala certa semelhança com os shows de mulatas de Sargentelli. A globeleza, por sua vez, é uma personagem negra criada pelos diretores do canal televisivo para representar a figura de uma mulata que é apresentada como vinheta entre os intervalos de uma programação e outra no período carnavalesco de cada ano.

²⁴ Imagem 16 – DCM. *Bem vindos ao Brasil colonial: a mula, a mulata e a Sheron Menezes*. 2014. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/bem-vindos-ao-brasil-colonial-a-mula-a-mulata-e-a-sheron-menezes/>> Acesso em: 06 de nov. 2021.

A fotografia publicada nas redes sociais da atriz gerou grande repercussão na internet diante do gesto adotado por ela, insinuando a oferta das demais mulheres pelas nádegas. Diante da polêmica gerada nas redes sociais na época, pude ter acesso à imagem e aos inúmeros debates que me marcaram a ponto de vinculá-los ao meu trabalho. Ainda que a intenção de Menezes não tenha sido a de expor as participantes por um viés negativo, as questões intrínsecas na imagem reverberaram discussões em torno do machismo, do racismo, da sexualização da mulher negra e dos demais estereótipos que rotulam seus corpos. Em síntese, apesar da suposta ingenuidade ou falta de conhecimento de Sheron Menezes, a imagem acabou por manifestar reações sociais inesperadas, além de reforçar estereótipos de objetificação e sexualização da mulher negra nos meios de comunicação.

4.9. **Imagens 17 e 18**

A imagem 18²⁵ (página 47) apresenta uma das globelezas do mesmo ângulo da imagem 16. A terceira moça na imagem 17²⁶, a contar da esquerda para a direita, foi a globeleza eleita em 2014: Nayara Justino. Segundo a Globoplay, plataforma digital de streaming do grupo Globo, o programa Fantástico contou com a ajuda do público para eleger a melhor candidata. A gravação que demorou mais de 11 horas para ficar pronta, foi ao ar em 5 de janeiro de 2014.

A composição das imagens 17 e 18 foi uma das primeiras que elaborei por ser uma construção muito viva em meu imaginário. O meu contato com a mulata globeleza data da minha infância, quando próximo a fevereiro, a bailarina Valeria Valenssa (primeira mulher situada ao lado esquerdo da imagem 17) ganhava a tela da rede globo sambando

²⁵ Imagem 18 – CRESTANI, Gilmar. *Concurso para mostrar a bunda, a Globo só quer mula..ta!* Wordpress, 2012. Disponível em: <<https://andradetalis.wordpress.com/2014/01/10/concurso-para-mostrar-a-bunda-a-globo-so-quer-mula-ta/>> Acesso em: 10 de out. 2021.

²⁶ Imagem 17 – OS KARAS. *Ex-Globeleza Valéria Valenssa antes e depois 2021-2022-2023-2024*. Disponível em: <<https://www.oskaras.com/ex-globeleza-valeria-valenssa-antes-e-depois/>> Acesso em: 02 de nov. 2021.

seminua. Porém, é interessante considerar que eu nem sempre observei a construção da mulata globeleza duma perspectiva de fetichismo extremo. Essa percepção se deu através do auxílio de alguns teóricos e de um processo de desconstrução do meu olhar. Djamila Ribeiro em *Pequeno manual antirracista* (2019), aborda a questão do desejo direcionado ao corpo da mulher negra, como uma reação à imagem lasciva construída culturalmente ao seu redor.

As mulheres negras são ultrassexualizadas desde o período colonial. No imaginário coletivo brasileiro, propaga-se a imagem de que são ‘lascivas’, ‘fáceis’ e ‘naturalmente sensuais’. Essa ideia serve inclusive para justificar abusos: mulheres negras são as maiores vítimas de violência sexual no país. (p. 83)

A autora ainda esclarece que a questão não é a sensualidade de determinada mulher, mas sim a necessidade de enquadrar as mulheres negras nesse estereótipo.

“É importante refutar a visão colonial, que via corpos negros como violáveis. Respeito muito o trabalho de passistas de escolas de samba, por exemplo, que lutam para perpetuar o verdadeiro legado do samba. O nu só deveria ser problematizado quando utilizado dentro da lógica colonial” (p. 83 – 84).

4.10. Imagens 19 e 20

Apesar das fantasias não se restringirem ao carnaval, elas têm grande participação nesse ritual. Da mesma maneira que o samba, enquanto dança e música, marcam o carnaval brasileiro como o momento em que um elemento da cultura negra é aceito, as *blackfaces* também representam o negro como temática, porém por um viés negativo. A peruca engruvinhada, a tinta preta sobre a pele branca, entre outras formas de reproduzir características físicas de pessoas negras, satirizam aspectos que para o negro é sua forma de existir.

Outro elemento que fere a integridade moral do negro é a situação de afronta que se estabelece entre o representante e o sujeito negro representado. Para mim, sujeito negro, estar de frente com o racismo nessa

configuração denota uma forma diferente de sentir o preconceito, quando a rejeição disputa espaço com o constrangimento.

Meu encontro com ambas as imagens se deu no momento em que tive acesso ao trabalho de Elisangela Lima em *O carnaval e a carne negra* (2019), texto abordado no final do segundo capítulo, questiona: “Essas construções sociais em torno de determinados corpos são espelhos da realidade ou a influenciam? Tais construções estão apenas revelando o que o mundo vê, moldando quem assiste/observa/reproduz, ou todas as opções?” Acredito que todas as opções mencionadas coexistem em dois movimentos: reproduzir estereótipos forjados que resultam da nossa estrutura racista e moldar novos olhares para que essas práticas se condicionem.

As imagens 19²⁷ e a 20²⁸ (página 49), levantam a questão dos *blackfaces* enquanto práticas discriminatórias que se expressam por meio de fantasias e adereços que ridicularizam o negro. Segundos DaMatta, as fantasias carnavalescas se constroem através de conjunto de figuras que caracterizam, ao mesmo tempo que eternizam no mundo ritual, sujeitos existentes no mundo social brasileiro. (p. 62). Diante do contexto dessas duas imagens é importante entender que, uma representação racista configura *blackface* independente da intenção de quem a realiza.

Mesmo que um sujeito fantasiado de ‘Nega Maluca’ (imagem 19) interprete a situação como uma brincadeira, o racismo presente nessa caracterização gera impactos danosos de qualquer forma. Situações hipotéticas como essa são a prova do quanto o racismo está internalizado em nós, pois a naturalização desse tipo de comportamento faz com que não percebamos as questões implícitas em certas ações. Logo, mesmo que não exista intenção, *blackface* é racismo.

²⁷ Imagem 19 – LIMA, Elisangela. *O carnaval e a carne negra*. Alma preta, jornalismo preto e livre, 2019. Disponível em: <<https://almapreta.com/sessao/quilombo/o-carnaval-e-a-carne-negra>> Acesso em: 03 de nov. 2020.

²⁸ Imagem 20 – Idem.

4.11. Imagem 21 e 22

As imagens 21²⁹ e 22³⁰ (pagina 51) ilustram o fetichismo relacionado à figura do homem negro. A *blackface* que, de uma forma ou outra, reduz a imagem do homem negro ao seu pênis, viralizou na rede social *Whatsapp*. Enquanto usuário das redes sociais, me deparei rapidamente com o selo de imagem. Devido à repercussão dessa brincadeira de mau gosto, a figura caiu nas graças dos usuários e ultrapassou as barreiras da rede social, se materializando no mundo real como fantasia de carnaval.

Em fevereiro de 2017, o site Metrópoles noticiou a realização de um concurso de fantasias, chamado *Cavalheira Fantasy*. A fantasia vencedora foi baseada no meme ‘Negão da Piroca’, e os vencedores foram presenteados com uma viagem para Fernando de Noronha, PE. O caso se assemelha ao do professor de medicina Giovanni Casseb, que também se fantasiou de ‘Negão do Whatsapp’ e sofreu represálias. Devido à polêmica, a Universidade Federal do Acre (UFAC) se manifestou dizendo que um processo administrativo foi instaurado para investigar a conduta do professor. A universidade ainda reiterou que a ação não foi movida com o intuito de condená-lo, mas de apurar sua intenção no ato (NAKAMURA, 2017).

²⁹ Imagem 21 – LANES, Paulo. *Fantasia de Negão do Whatsapp ganha prêmio, mas é acusada de blackface*. Metrópoles, 2017. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/carnaval-2017/fantasia-de-negao-do-whatsapp-ganha-premio-mas-e-acusada-de-blackface?amp>> Acesso em: 10 de nov. 2021.

³⁰ Imagem 22 – GWENT CUSTOM CARD. Negão da Piroca. Disponível em: <<https://customgwent.com/cards/18d589a63e1c76cdf15f353931e45fb2>> Acesso em: 11 de nov. 2021.

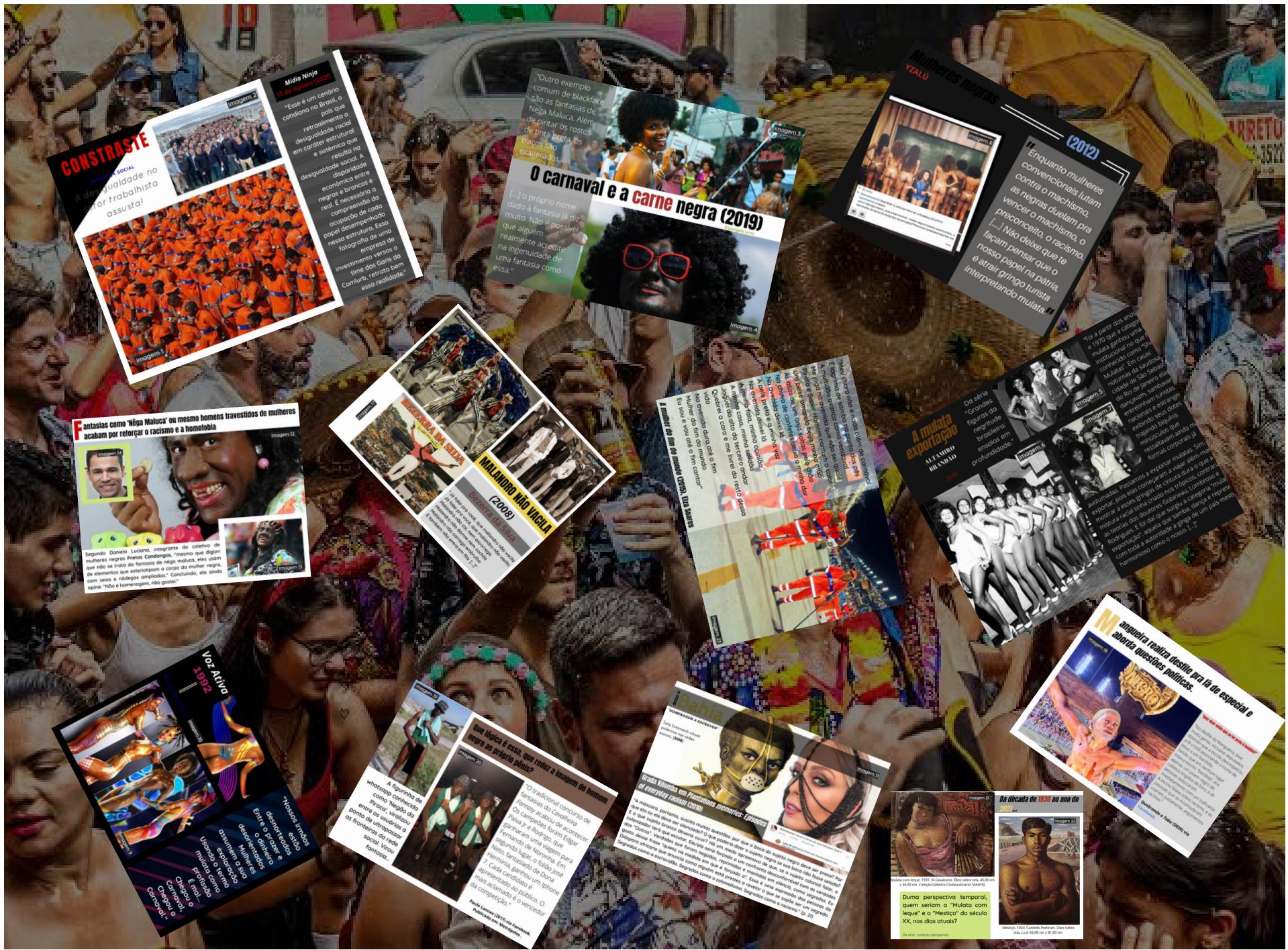
4.12. Imagem 23

Renato Luiz Feliciano Lourenço (imagem 23³¹), de 57 anos, se consagrou como uma das personalidades mais famosos do carnaval carioca pela sua simplicidade, simpatia e amor pelo samba. Ele integra a equipe de funcionários da Companhia de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro (Comlurb), empresa responsável pela limpeza do sambódromo no intervalo de um desfile e outro. Renato ganhou o apelido de ‘Sorriso’ no carnaval de 1997, quando embalado pela bateria das escolas, caiu no samba acompanhado de sua vassoura. Sorriso, não só passou a repetir sua performance ano após ano, como desfilou caracterizado de malandro pela Portela em 2009 e participou de espetáculos de samba e comerciais de televisão.

No registro Renato Sorriso aparece como elemento central para demonstrar de que forma opera a inversão carnavalesca, reorganizando os lugares sociais. Enquanto na página 17 os garis aparecem como vítimas do descaso no setor trabalhista ao longo do ano, na página 53 o gari aparece como figura principal do carnaval em fevereiro.

Duma perspectiva cultural, o carnaval brasileiro é um momento especial em que a cultura negra aparece como elemento constitutivo da festa. Os sambas-enredo, os carros alegóricos e fantasias, representam com frequência temas que se relacionam com a forma do negro existir no mundo. Porém, vale questionar qual a intenção desse enfoque cultural momentâneo? Qual o objetivo desse destaque ao Gari negro na passarela? A ideia é, de fato, valorizar a sua presença ali ou distorcer a desigualdadeposta entre negros e brancos fora dos domínios do sambódromo? Essa suposta valorização se estende ao longo do ano, ou é apenas mais uma forma que o sistema encontra de fazer as pazes com os problemas estruturais do racismo?

³¹ Imagem 23 – EUSÉBIO, Marco. *Dia do Gari*. Estrelinhas da notícia: Marco Eusébio in blog, 2015. Disponível em: <<https://www.marcoeusebio.com.br/impressao/dia-do-gari/44500>> Acesso em: 02 de nov. 2021.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que as questões sociais, assim como as relações humanas em geral, são passíveis de modificação de acordo com o momento em que a sociedade se encontra. Logo, prefiro não considerar minha pesquisa como concluída ou encarrada.

Por meio do carnaval, procurei identificar as relações cotidianas de verticalidade, ou seja, as relações de cotidianas de desigualdade. Como resultado, encontrei na figura do negro, uma série de questões que discuti ao longo do texto e expus por meio das imagens. Esse paralelo entre o texto e as imagens apresentaram homens e mulheres negras por meio de fantasias, adereços e outros aspectos de imagens acompanhados de implicações que abordei ao longo do trabalho.

Existe uma visão difundida no imaginário e na mídia que romantiza a imagem do negro através duma espécie de inversão. A inversão que realoca os elementos, personagens e relações existentes no carnaval, dão à mulata, ao malandro e às demais figuras do negro historicamente criadas um lugar de destaque. O fetichismo relacionado a figura do homem e da mulher negra, desumanizam na medida em que os considera apenas corpo sexualizado. Apesar da figura da mulata não ser uma criação carnavalesca, ela é potencializada por esse ritual. O mesmo acontece com o malandro, com o homem negro hipersexualizado.

Em meio às representações positivas, as brincadeiras, a música, a dança e a subversão das regras em geral, a sociedade celebra a felicidade carnavalesca em conjunto, porém, a alegria momentânea não anula o racismo que é estrutural. O racismo no carnaval brasileiro usa a figura do negro por meio das representações do próprio carnaval e da publicidade. É o caso da reprodução da mulata ‘tipo exportação’ e da mulata globeleza no imaginário social e na televisão. Desta perspectiva, a cultura e a imagem do negro são vendidas como a imagem do carnaval e do Brasil, reproduzindo o racismo, ainda que supostamente ‘sem maldade’ enquanto que, no restante do ano, é negligenciada.

Isso acontece com a figura do homem negro também. Apesar de não serem expostos em shows, como as mulatas do Sargentelli, o homem negro no contexto racista e machista é o malandro ou o inabalável negão: de masculinidade inabalável, feição séria e fechada, e claro, de pênis grande. Em período carnavalesco, sites de compra e venda na internet ofertam adereços que remontam fantasias como a Nega Maluca e o Negão da Piroca, entre outras representações.

Assim como as representações das mulheres cortesãs em paralelo com as representações das mulheres pobres demonstram uma espécie de extremo social no carnaval italiano, as pessoas brancas que se caracterizam de negras (pejorativamente) em paralelo com as pessoas realmente negras demonstram uma espécie de extremo racial no carnaval brasileiro, por exemplo. Por ser um ritual muito antigo e se fazer presente em muitas nações do ocidente, o carnaval reúne inúmeros elementos que se manifestam tanto nas representações imagéticas, quanto nas relações entre os indivíduos pertencentes a uma cultura ou lugar. Logo, o carnaval é um ritual independente celebrado por sociedades que apresentam questões sócio culturais próprias, questões estas que dão a cada carnaval determinadas características.

O que observamos, portanto, é que de fato a sistema brasileiro usa o negro através do carnaval, como um dos elementos principais para se apropriar da sua cultura e usar sua imagem. Essa imagem que retrata mulheres e homens negros, muitas vezes é vendida como símbolo sexual em diferentes situações, no próprio carnaval, no cotidiano, na mídia e em outros espaços também. O fato da maior parte das pessoas não perceberem a intenção existente por detrás dessa exposição do negro e interpretarem as representações como sinônimos de alegria não anula o fato de que o racismo se faz presente no ritual carnavalesco e no cotidiano da sociedade. Logo, a cultura brasileira é racista, por que a sociedade brasileira é racista.

Como todo o processo de escrita, iniciei esta pesquisa como uma pessoa e a finalizo como outra, completamente diferente. Percebi que, na medida em que a pesquisa amadurecia e tomava novos recortes, eu consequentemente observava as questões abordadas ao longo do trabalho por outras perspectivas e amadurecia

também. Percebi também que, apesar de discutir o carnaval e suas representações, eu estava discutindo questões que eram minhas também. Pude olhar para mim enquanto Alan e enquanto sujeito negro passível de representação também, assim como os demais que ocupam o mesmo lugar social que eu. Percebi que é cada vez mais necessário falar de questões pertinentes que atravessam minha experiência de vida, como a ultrassexualização do meu corpo, a comercialização da minha cultura, a apropriação da minha dança e da minha música, e o peso do racismo no meu percurso de vida. Percebi que é necessário persistir...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.
- ALVES, Dirceu. *O mestre das mulatas*. Terra, 2002. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/istoegente/142/aconteceu/index.htm>> Acesso em: 03 de nov. 2021.
- AMADO e GHIROTTTO. *Empresa ligada à XP tenta gerir crise por falta de negros e mulheres*. Metrópoles, 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/empresa-ligada-a-xp-tenta-gerir-crise-porfalta-de-negros-e-mulheres-veja-video>> Acesso em: 04 de nov. 2021.
- ANDRADE, Naiara. *Rodrigo Sant'anna apresenta a musa inspiradora da pedinte Adelaide, do 'Zorra', e afirma: 'Sou a cara da pobreza'*. EXTRA, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/rodrigosantanna-apresenta-musa-inspiradora-da-pedinte-adelaide-do-zorra-afirma-sou-cara-da-pobreza-6533267.html>> Acesso em: 29 de out. 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Disponível em: <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Modernidade_liquida.pdf>
- BBC NEWS. *Jacarezinho: 'Em nenhum lugar do mundo ação policial com 28 mortos seria aceita', diz cientista político*. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57017718>> Acesso em: 13 de maio. 2021.
- BERMUDES, Ana. *Educação: Nº de alunos negros na universidade explode; entre docentes, alta é tímida*. UOL, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/10/05/n-de-alunos-negros-na-universidadeexplode-entre-docentes-alta-e-timida.htm#:~:text=No%20ensino%20superior%20p%C3%BAblico%2C%20as,50%2C3%25%20das%20matr%C3%ADculas.&text=%22A%20a%C3%A7%C3%A3o%20afirmativa%20opera%20s%C3%B3na%20entrada%22%20diz>> Acesso em: 15 de maio. 2021.
- BRANDÃO, Altamiro. *A mulata exportação*. New Yorkibe, 2013 Disponível em: <<http://newyorkibe.blogspot.com/2013/12/a-mulata-exportacao.html>> Acesso em: 07 de jul. 2021.

CARDOSO, Lucia. *Cultura Visual e a Educação Através da Imagem*. Programa de Pós-graduação em Design, Centro de artes e Comunicação – UFPe, 2010. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3301/1/arquivo25_1.pdf> Acesso em: 05 de set. 2021.

CINEMA É MAGIA. [Por onde andam] Solange Couto/Fátima Adele. Wordpress, 2015. Disponível em:

<<https://cinemagia.wordpress.com/tag/por-onde-andam-mulatas-do-sargentelli/>> Acesso em: 11 de out. 2021.

CRESTANI, Gilmar. *Concurso para mostrar a bunda, a Globo só quer mula..ta!* Wordpress, 2012. Disponível em:

<<https://andradetalis.wordpress.com/2014/01/10/concurso-para-mostrar-a-bunda-a-globo-so-quer-mula-ta/>> Acesso em: 10 de out. 2021.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. – 6ª edição – Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DA SILVA, Bezerra. *Eu não sou santo*. Letras, Rio de Janeiro, 1990. Disponível em:

<<https://www.letras.mus.br/bezerra-da-silva/discografia/eu-nao-sou-santo-1990/>> Acesso em: 02 de nov. 2021.

DCM. *Bem vindos ao Brasil colonial: a mula, a mulata e a Sheron Menezes*. 2014. Disponível em:

<<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/bem-vindos-ao-brasil-colonial-a-mula-a-mulata-e-a-sheron-menezes/>> Acesso em: 06 de nov. 2021.

ESQUERDA DIÁRIO. *Comlurb deve garantir condições seguras de trabalho e os garis decidirem as escalas e os serviços diante do coronavírus*. 2020. Disponível em: <<https://www.esquerdadiario.com.br/Comlurb-deve-garantircondicoes-seguras-de-trabalho-e-os-garis-decidirem-as-escalas-e-os-servicos>> Acesso em: 08 de nov. 2021.

EUSÉBIO, Marco. *Dia do Gari*. Estrelinhas da notícia: Marco Eusébio in blog, 2015. Disponível em: <<https://www.marcoeusebio.com.br/impressao/dia-do-gari/44500>> Acesso em: 02 de nov. 2021.

FERREIRA, Luis. OUTROS CARNAVAIS: *Em 2002, Sargentelli, famoso por suas dançarinas, morreu após homenagem em novela*. UOL, São Paulo, 2017. Disponível em:

<<https://acervofolha.blogfolha.uol.com.br/2017/02/26/outros-carnavais-em-2002-sargentelli-famoso-por-suasdancarinas-morreu-apos-homenagem-em-novela/>> Acesso em: 04 de nov. 2021.

GWENT. *Negão da Piroca*. Disponível em: <<https://custom-gwent.com/cards/18d589a63e1c76cdf15f353931e45fb2>> Acesso em: 11 de nov. 2021.

GONÇALVES, Maria. *Educação em arte na contemporaneidade*. Vitória: EDUFES, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/browse?type=author&value=Gon%C3%A7alves%2C+Maria+Gorete+Dadalto>> Acesso em: 06 de set. 2021.

G1. *Carnaval tem batalha medieval com laranjas na Itália*. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/carnaval/2018/noticia/carnaval-tem-batalha-medieval-com-laranjas-na-italia.ghtml>> Acesso em: 26 de nov. 2021.

G1. *Como está aquele caso: João Beto, morto por dois seguranças em um supermercado no RS*. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/12/30/como-esta-aquele-caso-joaobeto-morto-por-dois-segurancas-em-um-supermercado-no-rs.ghtml>> Acesso em: 06 mar. 2021.

G1, Educação. *MEC revoga portaria sobre políticas de inclusão na pós-graduação que incluíam acesso de negros, indígenas e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/18/mec-revoga-portaria-que-criava-politicas-de-inclusao-na-posgraduacoes-como-o-acesso-a-negros-indigenas-e-deficientes.ghtml>> Acesso em: 24 de jun. 2021.

HALL, Stuart. *Identidade na Pós Modernidade*. – 11ª edição – Rio de Janeiro: Editora DP & A, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. Editora Mediação: Porto Alegre, 2007.

HIRSCH, Joaquim. *Forma política, instituições políticas e Estado – I*. Crítica Marxista, n. 24, 2007. p. 26. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo212artigo1.pdf. Acesso em: 05 abr. 2021.

hooks, bel. *Intelectuais Negras*. REF: Revista Estudos Feministas. Edição v. 3 n. 2, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>> Acesso em: 12 de out. 2021.

HUDIS, Peter. *O humanismo revolucionário de Frantz Fanon*. Jacobin Brasil, 2021. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2021/02/o-humanismo-revolucionario-de-frantz-fanon/>> Acesso em: 20 de set. 2021.

IBAHIA. *Blogueira gera revolta com 'homenagem a escravos' em baile.* 2018. Disponível em: <<https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/blogueira-gera-revolta-com-homenagem-a-escravos-em-baile/>> Acesso em: 10 de nov. 2021.

KILOMBA, Grada. *Plantations Memories: Episodes of Everyday Racism.* – 2nd Editions – Editora Unrast: Verlag, Münster; 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadocomum.org/files/original/636508eadda2eff648acf9cc039b8a01.pdf>> Acesso em: 09 de nov. 2021.

LANES, Paulo. *Fantasia de Negão do Whatsapp ganha prêmio, mas é acusada de blackface.* Metrópoles, 2017. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/carnaval-2017/fantasia-de-negao-do-whatsapp-ganha-premio-mas-eacusada-de-blackface?amp>> Acesso em: 10 de nov. 2021.

LIMA, Elisangela. *O carnaval e a carne negra.* Alma preta jornalismo preto e livre, 2019. Disponível em: <<https://almapreta.com/sessao/quilombo/o-carnaval-e-a-carne-negra>> Acesso em: 03 de nov. 2020.

LOPES, Paulo. *A vivência do Carnaval em Roma na Aurora da Modernidade ou a felicidade profana como condição para a felicidade do sagrado.* Lisboa: Colibri; Câmara Municipal de Torres Vedras; Instituto Alexandre Herculano, 2016. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/21207/1/A_viv_ncia_do_Carnaval_em_Roma_na_aurora_da_Modernidade_ou_a_felicidade_profana_como_condi_o_para_a_felicidade_do_sagrado_2.pdf> Acesso em: 01 de out. 2021.

MADEIRO, Carlos. *Negros são 75% entre os mais pobres; brancos, 70% entre os mais ricos.* UOL, Maceió, 2019. Acesso em: 17 de maio. 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimasnoticias/2019/11/13/percentual-de-negros-entre-10-mais-pobre-e-triplo-do-que-entre-mais-ricos.htm>>

MÁXIMO e CUÍCA. *A verdade nos fará livre.* Letras, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/sambas/mangueira-samba-enredo-2020/>> Acesso em: 10 de nov. 2021.

MONTEIRO, Rodrigo. *Veja imagens da carreira da atriz Solange Couto.* UOL, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://televisao.uol.com.br/album/2012/09/21/veja-imagens-da-carreira-da-atriz-solange-couto.htm>> Acesso em: 10 de nov. 2021.

MOREIRA, Adilson José. *O que é discriminação?* – 2ª reimpressão editada – Belo Horizonte: Letramento; Casa do Direito; Justificando, 2017. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5556995/mod_resource/content/1/O%20que%20e%CC%81%20discrimina%CC%A7a%CC%83o%20%281%29.pdf> Acesso em: 04 de jul. 2021.

MOREIRA, Carlos. *MPT-RS emite parecer sobre ação em face da Ável Corretora e da XP Investimentos*. MPT, Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <<https://www.prt4.mpt.mp.br/procuradorias/prt-porto-alegre/11594-mpt-rs-emiteparecer-sobre-acao-em-face-da-avel-corretora-e-da-xp-investimentos>> Acesso em: 08 de nov. 2021.

MORAES, Priscila. *Curiosidades sobre o carnaval italiano*. Italiano com Priscila, 2021. Disponível em: <<https://italianocomapriscilla.com.br/carnaval-italiano>> Acesso em: 25 de out. 2021

NAKAMURA, Erica. *Professor de medicina se fantasia de “Negão do WhatsApp” e é acusado de racismo*. DCM, 2017. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/professor-de-medicina-se-fantasia-de-negaodo-whatsapp-e-e-acusado-de-racismo>> Acesso em: 11 de nov. 2021.

NEVES. e DAMIÃO. *Adelaide, personagem do “Zorra Total”, é denunciada por racismo*. UOL, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2012/09/04/adelaide-personagem-do-zorra-total-denunciada-por-racismo.htm?mobile>> Acesso em: 10 de nov. 2021.

OLIVEIRA, Francisco. *Jeitinho e jeitão: uma tentativa de interpretação do caráter brasileiro*. – Edição 73 – São Paulo: Folha de São Paulo, Revista Piauí, 2012. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/jeitinho-e-jeitao/>> Acesso em: 10 de maio. 2021.

OS KARAS. *Ex-Globeleza Valéria Valenssa antes e depois 2021-2022-2023-2024*. Disponível em: <<https://www.oskaras.com/ex-globeleza-valeria-valenssa-antes-e-depois/>> Acesso em: 02 de nov. 2021.

PAPO DE CINEMA. *Rodrigo Sant'anna*. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://www.papodecinema.com.br/artistas/rodrigo-santanna>> Acesso em: 27 de out. 2021.

PEDUZZI, Pedro. *Fantasias de carnaval podem reproduzir preconceitos contra negros e homossexuais*. No minuto, 2015. Disponível em: <<https://nominuto.com/noticias/carnaval-2015/fantasias-de-carnaval-podem-reproduzirpreconceitos-contra-negros-e-homossexuais/122105/>> Acesso em: 01 de nov. 2021.

PONTINATI, Cândido. *Mestiço*. Enciclopédia Itaú cultural. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3202/mestico>> Acesso em: 09 de nov. 2021.

QUEBRANDO O TABU. *Quer dizer então que se for preto é bandido?* Facebook, 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/quebrandoatabu/photos/no-desfile-da-mangueira-teve-muita-gente-inclusive-deputadosdizendo-que-a-escol/3218150278241337/>> Acesso em: 09 de nov. 2021.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. – 7ª reimpressão – São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. – 1ª edição – São Paulo: Companhia das letras, 2019.

SAMBANDO. *Os 7 malandros*. Disponível em: <<https://www.sambando.com/os-7-malandros>> Acesso em: 01 de nov. 2021.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro*. – Edição revistada e ampliada – Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

SANTAELLA e NÖTH. *Imagem: cognição, semiótica e mídia*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 1997.

UTEIXEIRA, Angélica. *Salgueiro homenageou os malandros com enredo inspirado na Ópera do Malandro de Chico Buarque*. Pinterest, 2020. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/540150549038158344/>> Acesso em: 28 de out. 2021.

VAGALUME. *Mulheres negras*. 2012. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/yzalu/mulheres-negras.html>> Acesso em: 10 de nov. 2021.